

Ano II—N.º 64
4 de Outubro de 1931
Preço 1 Esc

reportagem.

Semanário das grandes reportagens



*Ler
neste
número:*

«Aventuras de Al Capone» e
«Quem é a rapariga de boa
sociedade que anda há três anos
vestida de homem?», etc..

Reporter

O SEMANÁRIO
DE MAIOR TIRAGEM E EXPAN-
SÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos
os acontecimentos de sensação
nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda
simultaneamente em todo o país

PRÓPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor
REINALDO FERREIRA
(Reporter X)

Chefe da Redacção
MÁRIO DOMINGUES

Redacção, Administração e Publicidade
Rua do Alecrim, 65—TEL. 2 1276—LISBOA
End. Electr.: REPORTERX—LISBOA

Composição e Impressão
SOCIEDADE EDITORIAL «A B C», L.da
Rua do Alecrim, 61—Rua da Luta, 1-B

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses—série de 12 números—Esc. 11\$50
6 » » » 25 » —Esc. 22\$50
12 » » » 52 » —Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescem os respectivos portes
Pagamento adiantado

PASSAPORTES

Espanha, França, Brasil e América do Norte
AGENTES NO NORTE DA

UNITED STATES LINES

Nicolau Ferraz

R. do Loureiro, 60

Porto Tel. 762

NOVELA POLICIAL

A fim de acertarmos definitivamente a sua organização e para a remodelarmos introduzindo importantes melhoramentos, de acôrdo com o interesse sempre crescente que esta colecção literária, única no nosso país, despertou no público desde o primeiro número, suspendemos nas últimas semanas a sua publicação.

A “NOVELA POLICIAL”

vai agora reaparecer, publicando o N.º 32 **A aventura dum português na Rússia**, original inédito do Reporter X.

Números publicados:

- | | |
|----------------------------------|------------------------------------|
| 1 O homem dos 3 braços—esgotado | 17 Amarelo e vermelho |
| 2 A chuva de prata | 18 Estranhas aventuras do dr. Z. |
| 3 Os 3 cadáveres do dr. Máximo | 19 O homem que embalsamou Lenin |
| 4 O espia de Bruxelas | 20 O tratado secreto |
| 5 As azagaias da princesa mulata | 21 A pequena macaista |
| 6 O segredo da mina | 22 A rua sinistra |
| 7 A mulher-águia | 23 O «rato de hotel» |
| 8 O crime do «Sud-Express» | 24 O filho de platina |
| 9 Segredos da Morte | 25 O jardim das flores envenenadas |
| 10 O homem sem boca | 26 Os «Filhos da Noite» |
| 11 Os 7 túmulos | 27 O segredo dos Távoras |
| 12 O fantasma do «Nicola» | 28 O colar de pérolas negras |
| 13 O mistério do chinês | 29 A caça ao fantasma |
| 14 O crime da Rua da Esperança | 30 Os anfíbios do Tejo |
| 15 O túmulo do jaraó | 31 Os 3 transformistas |
| 16 O homem que perdeu o cérebro | |

Deite fora todas essas águas, gotas, azeites e tantas outras drogas que lhe têm impingido para pintar os cabelos.

Elas não são mais do que um assalto à sua bolsa... Mostre que é inteligente.

Veja o que os melhores cabeleiros empregam nos seus magníficos trabalhos de pintura. Constatará que é só

KOMOL

KOMOL, dispondo de 18 cores à sua escolha, desde o Preto ao Louro Rosado, permite-lhe em sua casa, e sem auxílio de ninguém, restituir a cor natural aos cabelos em **15 minutos**. E eles ficam macios, soltos e brilhantes, ninguém conhecendo que foram pintados.

CAIXA 25\$00

A' venda nos melhores estabelecimentos. Representante M. CABRAL—R. Camilo Castelo Branco, 20, Telefone N. 3831.—Depositário—FARMACIA OLIVEIRA, R. da Prata, 240—Telefone 2 1415—Agente no Porto—A. QUADROS Jr.—R. de Traz, 7, 2.º—Telef. 87



CYMA

Se V. Ex.ª tem de presentear alguém, deve lembrar-se que um relógio desta marca, é o melhor presente que pode encontrar.

VENDE-SE EM TODAS AS
RELOJOARIAS E OURIVESARIAS

A B C - Z I N H O

O ÚNICO JORNAL PARA CRIANÇAS
QUE SE PUBLICA EM PORTUGUÊS

A B C-ZINHO sai às segundas-feiras

Todos devem ler o A B C-ZINHO porque instrue, educa, diverte e custa só **1\$00**

Preços por assinatura: — Por ano (52 números) 48\$00; por 6 meses (26 números) 24\$00; por 3 meses (13 números) 12\$00.

Pedidos à Administração: — Rua do Alecrim, 61 a 65

Basta escrever um postal e o A B C-ZINHO irá parar a sua casa

Homens & Factos do Dia

Crimes nobres e plebeus

ABRINDO a bolsa onde amalho os «Homens & Factos» da semana e despejando-a sobre o papel, salientou-se logo, berrando o vermelho do seu próprio sangue, «O crime do carvoeiro».

Ele oferece-se, rico de plasticidade, ao comentário jornalístico e é um admirável pretexto para se fazer um pied de nez de gavroche às teorias de certos cavalheiros para quem os horrores tenebrosos da Idade Média são flôres do Paraíso.



O crime do carvoeiro não é, como aparenta, um crime isolado. Foi um anel que se acrescentou a uma já longa corrente que atravessa o rodapé folhetinesco da criminologia nacional. Qualquer que seja a defesa do assassino, a causa é a mesma que perdeu as vítimas dos anteriores crimes da série.

A série teve o seu início há mais de quinze anos. Recordam-se do caso do «Zézinho de Alcântara», aí por meados de 1915? «Zézinho de Alcântara» era um receptor de furtos, abastado e avarento, excepto para algumas amizades com quem se mostrava, mais do que generoso, esbanjador. Uma manhã os vizinhos viram luz através dos vidros das janelas do seu quarto. Surpreenderam-se! «Zézinho» era incapaz de cometer uma extravagância anti-económica deste quilate. E como, ao princípio da tarde, a luz continuasse a brilhar, amarelenta, sob o ouro vivo do sol, e como ninguém desse fé que «Zézinho» tivesse saído, bateram à porta. Não obtiveram resposta. Chamaram a polícia, e foram dar com o desgraçado semi-nú, num charco de sangue, já coagulado, todo o corpo rasgado de navalhadas... Quem o assassinara? Qual a causa? Nunca se soube. Os agentes da investigação correram, esfalfados, atrás de mil pistas e todas desembocavam no vácuo. O criminoso soubera apagar todos os vestígios que pudessem comprometer-lo, denunciá-lo!... Havia apenas um descuido, um esquecimento: um monóculo em cacos, encontrado aos pés da cama. Lembro-me ainda das sátiras que rabiaram pelas gazetas,

pelos revistas de teatro e pelos «cafés», troçando certos catitas monoculados das letras, da política, do povo e da boa sociedade. Mas era tão vago esse indício que a polícia nem nê se fixou... Contudo, para mim, se êle não me serviu para descobrir o criminoso, foi como que uma lupa para categorizar o crime e ligá-lo aos outros que vieram depois.

* * *

E depois veio o caso do capitão Vaquinhas. Era um antigo colonial, de psicologia muito semelhante à da vítima anterior. Fôram também os vizinhos que deram pela sua ausência. Chamada a polícia, encontraram-no morto, apunhalado, semi-nú... Dos criminosos, nem um vestígio... Três cálices sobre a mesa de cabeceira, que tinham servido a vinho do Porto. Havia dedadas em todos êles... O Posto Antropométrico fotografou-os. Uma correspondiam às do morto; as outras não tinham ficha no arquivo policial, provando-se assim que os assassinos... não tinham cadastro, nem sequer esse cadastro de desordens e de desobediências à autoridade, tão vulgar entre a gente do povo. Portanto o sintoma do monóculo, no caso «Zézinho», repetia-se no caso Vaquinhas, eliminando a hipótese de se tratar duma proeza plebeia...

* * *

Há anos, e durante meses, viveu em Lisboa uma alta individualidade estrangeira, alta pelo seu rang social, pelo seu parentesco com um soberano, e cujos escândalos e vícios, depois de o exilarem da pátria, tinham-no vexado com a expulsão dos governos da França e não sei de que outros países. Um indesejável moral de sangue azul, mas dum azul quimicamente puro. Mal desembarcou foi sitiado por uma fauna suspeita, composta de janotas e de plebeus, mas mais aqueles do que estes o sugavam, lhe exploravam a fraqueza e as taras, abrindo constantes brechas nos seus quantiosos rendimentos e degladiando-se entre si como esfomeados à volta de um rums-teck suculento... Uma madrugada, num palacete do Dafundo, após uma orgia indes-

critível, um dos do séquito, mas pertencente a melhor categoria, isolando-se dos outros e aproveitando o sono da embriaguez de todos, esboçou uma tragédia que teria sido tão sangrenta e tão misteriosa como as antecedentes se não fôsse a intervenção de um criado... Quando, muito depois, êsse criado me revelou este episódio, solidifiquei para sempre o meu critério sobre os criminosos da série iniciada pela morte do «Zézinho de Alcântara». A alma do monóculo estilhaçado, que reaparecera nas dedadas do cálice, no caso do Vaquinhas, ressurgia no crime fracassado do Dafundo...

* * *

Dirão: Mas os três crimes evocados ficaram impunes, os criminosos ocultaram-se, e o do carvoeiro foi êle próprio quem se denunciou, apresentando-se à polícia. Ah! Bom... E' isso mesmo.

Além dos três crimes impunes, podia citar mais dois, igualmente classificados de «misteriosos» e que, como os outros, pertencem à série. E' que a série bifurca-se em duas categorias: a dos «monóculos», e nestes o assassino não se denuncia e, pelo contrário, consegue sempre escamotear-se, e a dos «plebeus», e nestes o criminoso ou se entrega ou não tem habilidade para apagar o rasto de sangue que deixa e acaba por ser prêso e condenado. Exemplos: a morte do «Sacristão de Setubal». As mesmas características de toda a série, mas o matador, um marçano de mercearia, papalvo, deixa dezenas de dedadas nos lençóis; e como já estivesse prêso como faquista e possuía ficha, a polícia personificou-o imediatamente e em dois dias enlaçou-o sem dificuldade. O assassinio do enfermeiro Barbosa, tão discutido, tão caricaturado... Êste, como o «Sacristão de Setubal», como o Vaquinhas, como o «Zézinho», é encontrado no leito, semi-nú, picado de facadas... O que diferencia as duas categorias da série é o vestígio do assassino. No caso do Barbosa o vestígio eram duas botas ordinárris-

(Conclue na pag. 14)



Um grupo de criminosos de «boa sociedade», na América, desagradavelmente surpreendidos pela objectiva do «Kodak»

As grandes reportagens

Como um redactor do «Reporter X»

se fez cozinheiro em vários «restaurants» de Lisboa

O que êle sofreu, viu, ouviu e registou

Unhas sujas e «purée» de batata... negro — Como se faz «Crème Santé» no «Ritz»... de Tokio — O agrado duns bifos famosos — O mólho... sólido e com bolor — O asseio e as anedotas do cozinheiro do «Royal» — Ramalho e a «asorda à alentejana».

QUANTAS vezes, sentados a uma mesa de *restaurant* ou de hotel, saboreando com gluttona delícia uma *mayonnaise* de lagosta ou um *rumsteck à Chateaubriand*, visionamos, com interesse, toda a misteriosa actividade que foi necessário desenvolver para além da copa — nos bastidores da cozinha — para que possamos regalar o nosso paladar. Todos os bastidores — sejam os da religião, a sacristia de um templo ou as intimidades do Vaticano; sejam os de um teatro, laboratório de deslumbramentos, ou de um «studio» cinematográfico, ou do gabinete de um romancista favorito, ou ainda o do *boudoir* de uma linda mulher, *atelier* da arte delicada e subtil da sua *toilette*, da sua *maquillage*, dos seus perfumes — despertam em nós o *bêbê* e aquele mesmo instinto de curiosidade que nos levava, em pequeno, a estripar os cavalos de pasta e a desventrar os bonecos de corda... Queremos ver o que está por dentro, como é feito aquilo; queremos, sobretudo, por espírito de contradição, conhecer o que nos é proibido, entrar onde se lê: «Está vedada a passagem».

E que tremenda imprudência! Que terrível castigo nos ameaça essa nossa curiosidade! Que de desiluzões pouparíamos — se nos soubessemos con-

ter! Se Eva perdeu o Paraíso trincando o fruto da tentação — nós, filhos de Eva, arriscamo-nos a perder o bálsamo da fé, a fascinação das *feeries* teatrais, a sugestão das maravilhas que os filmes nos regalam, o encantamento que nos produz a mulher bela e amada, se teimamos em espreitar os sacerdotes nos preparativos da sacristia, os palcos, com os cenários sumptuosos e lantejoulados... do avêso, as Gretas Garbo metendo o dedo no nariz, descompondo-se entre si, como regateiras, ou gotejando glicerina para os olhos para artificializarem as lágrimas, ou as deusas da formosura e elegância espreguiçando-se, esterlicando-se ou... lavando os pés...

Mas de todos os bastidores — os mais perigosos pelas conseqüências estomacais que podem provocar são, sem dúvida, os da cozinha, alquimia de todos os manjares... As lendas, pelo menos, exageradas e ridículas umas, verosímiles outras, certas algumas, são de assustar... Calcule-se o que seria, no início da digestão de um petisco divino, vermos o químico das guloseimas pelar os ratos para cozinhar um petisco idêntico ao que saboreámos pouco antes. Recordam-se daquele quadro de revista em que se exibiam fantásticamente as mais agonizantes porcarinas no preparativo dum jantar de taberna? E aquela célebre galinha eterna e rigidíssima que se despendurava do tecto sobre o painel e que o cozinheiro punha a flutuar na água, sem a desprender da corda, sempre que lhe encomendavam uma canja — para depois a subir de novo, à espera da nova encomenda? E aquele outro cozinheiro imaginativo e irreal dos *Secrets des petits* que cuspiam para as travessas antes de as servir, quando antipizava com os clientes?...

Mas, apesar de tudo, a curiosidade impõe-se, visionando toda a manobra do laboratório dos manjares, a metamorfose das carnes, dos peixes, dos legumes, para servir os *menus* mais variados e esquisitos. E nesta visão avulta a figura do cozinheiro transformando, com uma pericia mefistofélica, os géneros de aspecto mais ingrato e até repelente nas iguarias mais apetosadas, *esquises*, requintadas... Foi para satisfazermos a vossa e a nossa curiosidade que nos decidimos a realizar, incógnitos, êste *raid* pelas cozinhas dos melhores *restaurants* lisboetas.

COMO UM REDACTOR DO «REPORTER X» SE TRANSFORMA EM COZINHEIRO

Só havia uma maneira de podermos devassar a vida das cozinhas: investigando *in loco* tudo quanto desejávamos saber, desempenhando o papel de cozinheiro. Embora seja grande a crise de



O nosso camarada Idílio Ferreira, cozinheiro improvisado, com medo de queimar os dedos ao retirar do lume um petisco.

emprego, não nos foi difícil conseguir colocação. Fomos oferecer-nos, primeiro, como ajudante de cozinha, a um dos mais *chics restaurants* da Baixa, alardeando vastos conhecimentos de culinária. Um amigo prestou-se solícitamente a abonar a nossa honestidade e *competência*... Na manhã seguinte — às 9 horas — entrámos de serviço.

Ao penetrarmos na cozinha tivemos a impressão de que transpínhamos o limiar duma carvoaria. As paredes totalmente enegrecidas pelo fumo não deixavam perceber sequer um indício da sua cor primitiva. O chão parecia atapetado com sebo onde podia patinar-se como sobre o gelo, com a diferença apenas de que o gelo é uma brancura immaculada e o chão que pisávamos, encascando nos saltos uma humidade viscosa, era negro como as paredes...

Os leitores perguntarão agora: Pois é possível que seja assim a cozinha dum *restaurant chic*? Também nós nos surpreendemos; mas outros parodoxos nos estavam reservados — e mais alitivos — para quando começássemos desempenhando a nossa missão.

Surgiram as primeiras dificuldades para a nossa profunda ignorância do *métier*. O chefe — um gallego de barriga mastodóntica — deu-nos as primeiras ordens. Era preciso começar, preparando as iguarias do *menu* para o almoço, e êle encarregou-nos simplesmente de fazermos nós a sopa. E, de modos bruscos, explicou lacônicamente: — *Crème Santé!*...

Pai do Céu! Dessa deliciosa sopa conhecemos apenas o paladar. Quanto à forma de a preparar — fazemos dela a mesma ideia que podemos fazer dos segredos dum túmulo. Pode avaliar-se, portanto, o nosso embaraço. Não nos desconsertámos, no entanto; e aguardámos, fleugmáticos, que a água fervesse... Com toda a certeza era preciso água a ferver para começar a sopa. Entretanto fomos apreciando o trabalho do mestre e dos moços. Um destes descascava camarões, e as suas unhas de luto carregadíssimo entravam alternadamente nas narinas e desciam a esbulhar os minúsculos mariscos. Outro entretinha-se a esmagar *purée* de batata com as mãos de cor duvidosa, e, de quando em vez, apareciam na massa amarelecida uns láivos escuros, à medida que as mãos iam embranquecendo.

Êste primeiro dia de reportagem foi curto, embora suculento em detalhes elucidativos, porque um incidente o interrompeu antes da hora do almoço. Súbito, o chefe resolve vigiar o novato, e ao vêr-nos de braços cruzados em muda contemplação para a água que já fervia há muito — gritou-nos: «Entonces o *crème!* Es para hoy o mañana, só!...» Impunha-se um gesto, uma decisão; e no nervosismo do próprio embaraço, sem uma noção nítida do que fazíamos... pegámos numas cenouras recém-chegadas da praça — e tal como estavam deitámo-las na água. O cozinheiro olhou-nos, as faces a escarlatarem-se, num misto de terror, de desespero e de ódio — não acreditando no que via e tomando-nos por um louco. — «O' seu...! *Bocê* no está bom da cabeça! O que é *ixo?*»

Resolvemos então tomar uma atitude solene, altiva, digna, de superioridade: — «Não é o senhor que me vem a mim ensinar a fazer *crème* — per-



Idílio na cozinha do «Royal» — uma das boas excepções...

cebe! A prendi num sítio onde nunca pôs nem porá os pés: no *Ritz* de Tokio! E por este incidente já vejo que esta casa não é digna de um cozinheiro como eu.» E sai — nobremente —, enquanto o pobre homem ficou pensando se realmente no *Ritz* de Tokio o *Crème Santé* se fazia com cenouras inteiras...

A PEREGRINAÇÃO ATRAVÉS DO INVEROSÍMIL — DESPEDIDOS!!!

Não desistimos da nossa missão depois desta nossa primeira aventura. Pensávamos ainda que a reveladora falta de higiene daquela primeira cozinha fôsse uma excepção. Como nos enganávamos!

Depois disso percorremos outras cozinhas de *restaurants*, durante algumas semanas, abrindo as portas mais resistentes por todos os processos, frequentando os «meios» próprios, criando amizades entre «colegas», movendo empenhos, solicitando recomendações. O que presenciámos nessa nossa viagem dava um tratado completíssimo sobre os mistérios — alguns nauseabundos — da indústria culinária. Salvo algumas excepções — e a



... Com um ar de superioridade, o «reporter» jala dos grandes hotéis estrangeiros onde fol... cozinheiro.

principal nos referimos adiante —, em muitas cozinhas de *restaurants* em que penetrámos, tivemos ocasião de observar uma quasi absoluta ausência de higiene, não só nas casas, no material e no pessoal como também no trabalho.

Apenas para amostra, confidenciamos alguns casos, sem citar os nomes — porque a nossa missão não é a de denunciante. Estamos certos de que, ao terem conhecimento desta nossa reportagem, os proprietários dessas casas passarão a ser mais rigorosos para com o seu pessoal, obrigando-o a um cuidadoso asseio, evitando assim que voltemos ao assunto com menos condescendência.

Num *restaurant* do centro da cidade vimos dar a comer a um gato os restos da comida das travessas, e estas voltavam de novo a servir aos fregueses, lavadas apenas pela... saliva do animal e por uma superficial passagem de um pano encardido. Outra descrição exacta: Como muitas das cozinhas que invadimos estão instaladas em casas velhas, de sobrados quasi pombalinos, nelas superabundam autênticas *menageries*, verdadeiros tratados vivos de zoologia — capazes de serem cubitados por um coleccionador... Ratos, formigas, moscas, baratas de várias dimensões e cores... O fartum constante a comida que impregna a própria atmosfera é como que um clarim permanente tocando a reunir bicharia. Mas estas duas razões — até certo ponto fáceis de explicar — são agravadas pelo mal que germina todos os outros males: a falta de higiene. A familiaridade entre a fauna humana da cozinha e a da bicharia; a na-

Frades, propagandistas do alcoolismo?

PARADOXOS! Uma revista inglesa — «The White Magazine» —, órgão dos puritanos e dos anti-alcoólicos, publica no seu número de Setembro um artigo, baseado em estatísticas, em que se descrevem os perigos do alcoolismo e a ameaça que representa o seu desenvolvimento. A certa altura lê-se o seguinte: «O Vaticano («The White Magazine» é evangelista) tem concorrido para o desenvolvimento dessa fatalidade permitindo a indústria dos licores, quasi toda ela nas mãos dos frades. O «Bénédictine», o «Cointreau» etc. são fórmulas fradescas, e embora muitas dessas fábricas tenham aparência laica — o negócio continua a ser das Ordens, que recebem os seus imensos benefícios. Existem perto de quarenta marcas de licores cuja patente pertence aos frades. A produção total — que ainda há meio século era de um milhão e meio de garrafas anuais — está num milhão mensal. Os lucros são risonhos mas as desgraças que

causam é que são bem cruéis, sobretudo por virem de quem vêm».

Os «mata-frades» não tinham pensado nunca neste paradoxo! Os frades, autores do alcoolismo!



turalidade impávida com que se permite o contacto entre os invasores e os manjares; as cautelas, da última hora, para que os clientes de quatro patas ou alados não viajem nas terrinas, nas travessas, até ao olhar do freguês, e só depois das sopas estarem servidas e os petiscos ajardinados nas travessas — seriam dum cómico irresistível se não fôsses horrivelmente repugnantes.

... Num *restaurant* descobrimos nós o segredo do sabor quasi celestial dos seus bifés — aliás afamados sob o nome de um poeta ilustre —, cujo molho é um prodígio de culinária. O segredo reside numa imensa frigideira onde são feitos e que o cozinheiro tem o cuidado de manter sem a menor limpeza (nem a seco...) durante meses. A cada encomenda de bifés, deitam-lhe as gorduras necessárias para a *natação* da carne; mas como de cada serviço fica sempre o que a carne segrega — o sangue e um pouco das gorduras derretidas —, esse molho seco coagula, solidifica-se, forma uma espécie de massa gelatinosa. Quando a frigideira volta ao lume, a velhíssima massa gelatinosa liquefaz-se completamente com a nova dose de gordura. Desta forma o molho que vem, chiando, apetitoso, à volta do bife, para a mesa do comensal e que este absorve, ensoopando pedaços de miolo, é composto de uma terça parte daquela espécie de gelatina — que é o principal segredo do petisco. É como o *jundo*, o capital-gordura, é sempre o mesmo e se conserva no metal semanas e semanas, derretendo-se e solidificando-se muitas vezes ao dia — que se supunham as suas virtudes... para a saúde. O cozinheiro, quando, após muito tempo de uso, começa a pensar em lavar a frigideira, raspando-lhe essa espécie de gelatina, não o faz enquanto, numa segunda frigideira, não cria nova gelatina que, pela antiguidade, possua os mesmos valores... apetitosos. Basta, leitores, cochichar-vos o seguinte: esse *molho sólido* só atinge a perfeição quando começa a acamar-se com... bolor! Exagêro? Talvez o pensássemos também se não o tivéssemos visto, fregolizado de rato de cozinha, na... (ah! — ia-nos escapando o nome!), «com estes que a terra há-de comer» — como diz a gente do povo... Mas se quereis a prova — ei-la: Não te recordas de que, sempre que a guloseima te exige um bife boiando num oceano de molho denso, numa tonalidade quasi dourada, cheia de olhas aureoladas de sangue — guloseima essa que nasce mais do líquido do que do sólido, do molho e não da carne —, ficas mal disposto, com dores de cabeça, ondas de agonia a dilatar-te o estômago, o celestial sabôr que te ficou no paladar a transformar-se, pouco a pouco, num gosto pastoso, a língua a secar-se, como numa intoxicação,

em que muitas vezes degenera e com gravidade? Então? A que é devido? Cuidado, senhores, com a alquimia tóxica dos molhos grossos, abundantes, apetitosos...

NEM TUDO É OURO, NEM TUDO É LATÃO — AS EXCEPÇÕES — RAMALHO ORTIGÃO

Quisemos começar a reportagem pela fealdade — mas, felizmente, se nem tudo o que luz por esses *restaurants* é ouro (e é, pelo contrário, sórdido latão), nem todos formam regra. Pelo contrário. Se nos agoniámos ante muita sordidez — também testemunhámos muito respeito pelos estômagos, pela saúde e pela sensibilidade do público. É as excepções não foram poucas. Na cozinha do «Metropole» — onde trabalhamos... de moço-copeiro, durante cinco dias, no fim do mês passado; no «Inglaterra», onde estivemos já este mês — sempre sob o mesmo disfarce; e sobretudo no «Royal», do Cais do Sodré, onde rematámos a nossa reportagem — sem que «colegas» ou «patrões» supusessem sequer o papel que interpretávamos e a «má intenção» que escondíamos — recompensamos as contrações do esôfago com que, nos outros, afogávamos as do estômago...

A limpeza destas cozinhas citadas — e outras que se englobam nas «asseadas» — começa pela instalação. No «Royal», as paredes, soalho, móveis, material, aventais, mãos, unhas, harmonizam-se pela mesma meticulosidade, pelo mesmo asseio. Ali, naquele ambiente honesto — porque o asseio numa cozinha de *restaurant* é honestidade —, apeteceu-nos até tomarmos a sério o nosso papel e trocarmos a profissão pela de cozinheiro... O chefe de cozinha do «Royal», que ocupa o seu lugar desde 1907 — fundação da casa — e conheceu ainda os antigos patrões, vai-nos distrair, entre o grelhar dum bife e o bater duma *omelette*, com a narrativa de episódios passados, recordando os antigos fregueses, e conta-nos a propósito uma anedota de sabor literário, visto que foi Ramalho Ortigão que a heroificou.

Uma tarde, o ilustre escritor entrou no *restaurant* e pediu «assorda à alentejana», com *pickles*, o seu prato predilecto. Nessa mesma altura outro freguês encomendou ao criado uma sopa de camarão. O criado, ao servir as respectivas iguarias, trocou-as. Do postigo da copa, o cozinheiro deu pelo engano e chamou, aflito, o criado, para remediar o equívoco. Mas era já tarde. Ramalho Or-

(Conclue na pag. 13)

Al Capone,

«benemérito»

Al Capone,

assassino por amor

A popularidade do «Rei do Crime» e a morte do florista

RESUMO DAS ANTERIORES
REPORTAGENS

Bette Henriques, bailarino português que conquistou o público americano, foi contratado pelo célebre «Colosimo's», o maior «cabaret» dos Estados Unidos, berço do banditismo de Chicago e propriedade de Al Capone. Este simpatiza com o nosso compatriota, que, pouco a pouco, vai conhecendo os mistérios da casa e o passado do patrão: Como se apoderou da terrível Máfia dos Trabalhadores Italianos; como organizou os seus «negócios» de contrabando de álcool, da indústria do jogo, etc.; como suborna ou amedronta os políticos e a polícia; como castiga os sicários que o atraíam; como consegue escapar-se sempre à Justiça. Desde a sua chegada ao «Colosimo's» que Bette Henriques ouviu falar da «tragédia do florista». Eis como lhe é revelado este capítulo sangrento do «Rei do Crime»:

Os refeitórios de Al Capone

UMA das surpresas que mais impressionaram o bailarino português, ao conviver um pouco com aquela fauna especial que cercava Al Capone, foi o ambiente que este gozava. Se alguns o respeitavam por covardia e outros o adulavam por cálculo, a grande maioria



Em cima: As carabinas-metralhadoras de Al Capone em acção. Em baixo: O dr. King, grande amigo de Al Capone.

venerava-o com fanatismo sincero. A menor palavra depreciativa ou um pouco insinuada referente ao patrão, erguiam-se logo inflamados protestos como crenças escutando uma blasfémia. Mas — e era esta a razão mais forte do seu pasmo — esse ambiente não se limitava às fileiras dos que lhe serviam de tentáculos e viviam do sangue que Al Capone, alquimista tenebroso, transformava em ouro. Cá fora, longe do cabaret e dos vários covis do bando, essa idolatria alastrava-se, talvez mais impetuosa, mais sincera, mais espontânea ainda...

Um dia, Al Capone veio interromper um ensaio em que Bette estava *misencenando* um grupo de *girls* e convidou-o para dar um passeio no seu «auto». «A tarde está digna de nós, latinos! — disse. — Custa-me ver um rapaz novo, um ibérico, como você, que trabalha sem repouso e que proporciona bons lucros à casa, encaifado nesse palco, sem luz e quasi sem ar, esfalfando-se para que essas pequenas brilhem à noite com a arte

que é sua e não delas! Venha daí. Como vê, não sou um patrão egoísta.»

O nosso compatriota não se fez rogado, embora o assaltasse um vivo pudor, misto de... receio mais moral do que físico. Temia que ao vê-lo fraternizar assim com o «Rei do Crime» o supusessem colaborador das suas proezas; temia que o passeio fôsse bruscamente ensanguentado por uma dessas imprevistas batalhas que Al Capone desencadeava tão a miude; que a polícia o enlaçasse numa imprevista ofensiva ordenada de Washington; ou que o próprio Al Capone premeditasse, na melhor das intenções, iniciá-lo na sua seita... Mas Al Capone, que parecia radiografar-lhe os mais íntimos pensamentos, sossegou-o, acrescentando: Vou mostrar-lhe algo que muito o admirará e que o ajudará a desfazer certos temores que se antepõem no seu espírito à simpatia que lhe inspiro e que, modestia à parte, mereço por mim próprio e pela amizade que lhe dedico desde a primeira noite em que trabalhou nesta casa. Descanse que não terá surpresas desagradáveis nem o arrebanho, à força, para tomar parte nas minhas batalhas...

O «auto» era fechado e Bette Henriques notou, ao partir o carro, que outros «autos» e *side-cars*, uns na retaguarda, outros à frente, outros ainda à esquerda e à direita, estabeleciam um verdadeiro cerco ao «Rei do Crime». A sua passagem pelo centro da cidade e pelas grandes avenidas não despertou a curiosidade pública nem Al Capone se deixava reconhecer. Mas mal chegaram aos subúrbios operários, parou o «auto», fez um sinal com a buzina para que o séquito estacionasse à entrada do bairro, mandou baixar a ca-

(Continua na pag. 12)

VENCER com arma traiçoeira é próprio de alguns homens que, desprovidos de um sentimento nobre — a lealdade —, procuram triunfar sem olhar a meios. Os punhais envenenados de Florença foram célebres; os venenos que os Borgias dissimulavam nos alimentos das pessoas que queriam assassinar ficaram inscritos na História a letras bem



Armas traiçoeiras

negras. Mas não é só no passado que a arma dissimulada e traiçoeira, como o punhal envenenado ou a bebida corrosiva, nos surge. No nosso tempo também a imaginação humana inventa armas desleais. Uma das mais repugnantes é, sem a menor sombra de dúvida, o anel cortante. É usado nos meios políticos alemães. Esse anel, aparentemente inofensivo, dispõe de um engenho especial que, premido levemente, faz sair de uma pequena caixa duas lancetas de doze milímetros de comprimento, afiadas como lâminas de barbear. Produzem essas lâminas cortes profundos e graves. Em algumas rixas políticas têm aparecido pessoas profundamente feridas no rosto e nas mãos por esta arma traiçoeira. A polícia alemã procura prender os portadores desta arma, mais repugnante do que a navalha manejada por um *rufia*.



TENHO por hábito, de quando em quando, passar em revista algumas tabernas da Ribeira Nova, freqüentadas pela fauna mais pitoresca de Lisboa: marítimos de todas as qualidades, côres e feitios, desde os mulatos de Cabo Verde aos louros escandinavos; anfíbios do Tejo, portugueses que falam aquela algaraviada náutica que constitui um verdadeiro idioma internacional; empregados de agências de navegação, estivadores, descarregadores, de mistura com operários do Arsenal e funcionários do mercado da Ribeira. Aquelas tabernas buliçosas, movimentadas, peçadas de grupos heterogêneos, possuem um quê, um tipo inconfundível, característico e, por isso mesmo, atraente para o jornalista que não se limita a carrear notícias banais para encher inspidas colunas de diários mas que, tendo da sua profissão um sentido mais alto, se dá com prazer ao árduo e divertido trabalho de estudar ambientes, de perscrutar a alma humana e de observar com atenção, com entusiasmo, o bicho mais curioso da criação, que é o Homem.

Há dias, em uma dessas tabernas, produziu-se um pequeno, um vulgaríssimo incidente, que gerou esta reportagem. Estávamos nós e Carlos Carvalho, arquivista d'este semanário, pessoa culta, muito viajada, que viveu durante muitos anos em Paris. Mastigávamos lentamente uma «sandwich» e observávamos o movimento da casa.

A um canto, um grupo enfarruscado de descarregadores de carvão conversava com um africano alto, espadado e alegre, que junto dos outros parecia mais claro; noutro canto, meia dúzia de operários, vestidos de ganga, mas limpos, quase elegantes, conversava a meia voz de cousas sindicais. Carlos de Carvalho e quem escreve estas linhas encostavam-se ao balcão, farejando assunto. Nós havíamos prometido ao nosso companheiro qualquer coisa de interessante e o Destino dir-se-ia que se comprazia em contrariar a nossa promessa. A única nota exótica era dada pelo preto, que contava aos carvoeiros embasbacados como conseguira viver seis meses na América do Norte sem possuir os seus papeis em ordem. Era um prodígio que lhe pormenorizava, sibilando as passagens mais difíceis com gargalhadas enormes, que lhe rasgavam a boca de orelha a orelha, mostrando uns dentes alvos como a espuma dos oceanos que ele vinha navegando desde criança. De vez em quando, enchiam-se os copos de *roxo* e a alegria dos freqüentadores tornava-se mais ruidosa, mais franca, mais fraterna. No entanto, o espectáculo era banal. E nós principiávamos a sentir-nos envergonhados daquela banalidade perante o nosso colega, quando assomou à porta um vulto estranho. Deveu-se um momento olhando para o interior. Era um homem alto, desempenado, face oval, onde a miséria, chupando as carnes, dese-

O homem mais «snob» do mundo

nhava duas concavidades, uma em cada face; os olhos, que deviam ter sido belos, eram de um castanho sem brilho, mortiço; na cabeça um chapéu muito velho, posto um pouco sobre a orelha esquerda num arremesso de elegância; o fato coaçadíssimo, de um cinzento duvidoso, as calças enrugadas nos joelhos, o casaco demasiado curto, a frair a proveniência de outro proprietário; mas do colarinho sujo pendia uma gravata de nó impecável; nos pés, uns sapatos de cor indefinida, amachucados nos saltos. Que idade teria esse homem? Aparentava uns cinquenta anos, mas examinado de perto via-se que estava precocemente envelhecido.

Depois de hesitar um momento à porta, avançou a passo lento até ao balcão. O nosso companheiro fitava-o com visível curiosidade. Dir-se-ia assombrado daquele tipo esquisito que, ao mesmo tempo, apresentava um aspecto de confrangedora miséria, deixava emanar um fluido de altivez principesca na maneira de manter a cabeça bem erguida, na forma elegante e rítmica como pisava o chão, ao caminhar. Dos outros grupos lançavam-lhe olhares furtivos. Um operário rompeu o silêncio que se fez à sua entrada e perguntou-lhe, amável:

— Vai um copinho, sr. Esteves?

O outro olhou-o sobressaltado, como se acordasse de um sonho e, em voz bem timbrada e pronúncia clara, que denunciavam o homem bem educado, respondeu, cortês:

— Não, meu amigo, muito obrigado. Faz-me mal o vinho...

O operário não ateimou; quedou-se a olhá-lo com uma pontinha de piedade. Carlos Carvalho, como que hipnotizado, não desfitava os olhos do senhor Esteves. Entretanto, o caixeiro passava-lhe para a mão um pequeno volume embrulhado em papel de jornal. Esteves murmurou quase imperceptivelmente um «muito obrigado»; depois, dirigindo-se para a saída no mesmo passo suave com que entrara, disse de alto: «boa noite, meus senhores» — e desapareceu.

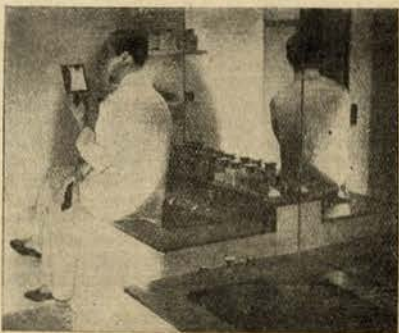
Só então o nosso companheiro se decidiu a falar, exclamando:

— É extraordinário!

O caixeiro acudiu, pressuroso, julgando que pedíamos mais vinho e, como não quisessemos, informou sem que o houvésemos provocado:

— Parece que este homem já teve muito, coitado. Agora caiu na miséria. A gente aqui dá-lhe todos os dias os sobejos do pão... Mas ele não pede... Nós é que sabemos as necessidades que ele passa.

— Pois este tipo que Vocês viram agora, andrajoso e miserável — exclamou Carlos Carvalho, sem poder reprimir mais tempo a notícia da sua des-



coberta — já foi o homem mais «snob» do mundo!

E então, ante o assombro do caixeiro e a nossa ávida curiosidade jornalística, Carlos Carvalho contou o que sabia da vida elegantíssima do Esteves:

— Ele não se chama Esteves. O seu nome é... (pronunciou um nome que ocultamos por bem compreensível melindre). Conheci-o em Paris, em 1919, numa festa diplomática a que assisti. Quando ele entrou aqui, senti um baque no coração. Ele deve ter-me reconhecido. Mas como o seu passado forma um contraste tão grande com o presente, é possível que queira passar por outro homem, sem a menor ligação com o brilhantismo da sua existência de outrora. Nunca na minha vida encontrei pessoa tão cativante, que soubesse estar (saber estar é uma ciência rara) como ele. Em Paris adoravam-no e nos melhores salões proclamaram-no o homem mais «snob» do mundo. A sua casa — um soberbo palacete nos Campos Eliseos — visitava-se com a mesma curiosidade com que se penetra num museu de maravilhas. A decoração, inspirada por um pensamento artístico ultra-moderno e excêntrico, a originalidade dos móveis, a beleza estranha das perspectivas interiores tentavam ser imitadas, em vão, pelos maiores «snobs» de Paris. Mas nenhum sabia pôr, como ele, um requinte tão especial no seu lar — lar que era ele só a habitar, com o seu cortejo de criados. Nem uma mulher habitava naquela casa maravilhosa. Comprazia-se em viver naquela solidão povoada de beleza requintada. Passava tardes inteiras tocando órgão, um órgão que ele erguia sobre três degraus altaneiros, como um santo num altar. Os cuidados da sua *toilette* eram mais minuciosos do que os de uma mulher de grande mundo. Os massagistas que lhe recompunham os músculos após o banho eram os mais afamados de Paris, a cama onde se repousava era uma espécie de caixão — um caixão alegre, feito de cristal com mil e um cambiantes de luz, cheio de fôias e originais almofadas e sedas.

«As mulheres disputavam-no e ele não ia além de simples «flirts» sem conseqüências. No dia em que uma mulher aqui se instalasse com poderes descriçionários — dizia ele — seria a queda de todos os meus sonhos de beleza.» E realmente assim foi. Uma mulher originou o descastelar de todo aquele sonho. Ele, que se gaba de ser invulnerável, um dia, ou melhor, numa hora do diabo, caiu prêsso pelo beijo por uma alemã. Era uma mulher elegantíssima, esposa de um diplomata, que o tentou, que o seduziu — que o perdeu.

«Em menos de um ano tudo foi por água abaixo. Ela era uma perdulária, sem gosto artístico, sem requinte. E ele, tão cioso de boa educação,

(Continua na pag. 13)



António Campos ou Helena de...

Quem é a rapariga de boa sociedade que anda há três anos vestida de homem?

Mulheres que se vestem de homem — Um velho casado que... era uma velha — A célebre "Maria-rapaz" — O mais espantoso caso histórico — O cavaleiro d'Éon, capitão de dragões, e o seu regresso às saias

nas ocasiões difíceis, não era homem — era mulher. O caso veio a saber-se quando esse homem, perdão, essa mulher, faleceu e, segundo escreveram as gazetas nessa época, a viúva ficou muito surpreendida com a descoberta... Na Norte América também se desvendou, há pouco tempo, o mistério de uma donzela que, em trajos masculinos, passara uma temporada por homem. Creio que a masculinização da mulher é um fenómeno do nosso século. Há mulheres que não se atrevendo a disfarçar-se completamente de homens adoptam no entanto alguns dos seus hábitos: usam camisas fechadas, com colarinho e gravata, casacos *tailleur*, cigarro no canto da boca, monóculo reluzente na órbita e marcham a largas passadas britânicas. Algumas até a voz transformam.

Em Portugal já tem havido casos de mulheres dissimuladas em andainas masculinas. Ainda deve estar na memória de muita gente o capricho de certa rapariga que a polícia alcunhou de «Maria rapaz» — uma leviana, por sinal bem mulher nos apetites, que andou uma temporada vestida de homem, frequentando, na companhia de outros homens que não suspeitavam do mistério que a envolvia, sítios um pouco suspeitos, como tabernas reles e até alcouces. Conheçemo-la pessoalmente essa mulher. Possui uma inteligência viva e um curioso espírito aventureiro. E, no entanto, muito sentimental, muito feminina no temperamento e nos hábitos. Aquela aventura de mascarar-se de homem não passou, afinal, de um capricho muito feminino...

QUEM ERA O CAVALEIRO D'ÉON

Mas o caso mais espantoso de confusão de sexos que a História regista é o do cavaleiro d'Éon, que viveu em França no reinado de Luiz XIV. No registo de nascimento, devidamente testemunhado por pessoas idóneas, *ela* é do sexo masculino. Foi educada como homem. Depois de adulta passou, segundo as suas conveniências, umas vezes por homem, outras por mulher. Foi capitão de dragões e, apesar da sua face imberbe, da sua voz efeminada e do seu aspecto franzino e delicado, era um valente. Culta, inteligente, hábil, foi nomeada, em 1763, embaixador da França em Inglaterra. Em Londres bateu-se em vários duelos, saindo sempre vitoriosa; no entanto foi lá que os boatos sobre a sua feminilidade correram com maior insistência. Em 1771, um milionário inglês, ávido de uma certeza sobre o mistério daquele embaixador tão feminino, chegou a oferecer-lhe vinte mil francos daquela época para *ela* se deixar examinar por um médico, o que foi recusado. As apostas que se fizeram pró e contra a hipótese de *ela* ser *ele* subiram a cem mil libras esterlinas.

Pois esse «chevalier» d'Éon, que se batia em duelo, que desempenhava as mais altas funções diplomáticas da França no país vizinho, conseguiu, tempos depois, ser admitido como dama de hon-

neur na corte russa, sob o nome de Lea de Beaumont. A vida desta mulher, que casou como mulher, foi um rosário de aventuras, que o espaço resumido de que dispomos não permite explicar tão largamente como desejaríamos. Depois da sua morte o mistério sobre o seu sexo subsiste. E ainda hoje não se sabe ao certo se o «chevalier» d'Éon era homem ou mulher.

A ANSIA DE LIBERDADE

A portuguesa que viveu três anos vestida de homem é uma rapariga que deve contar actualmente uns vinte e um anos. Natural do Porto, oriunda de uma família conhecidíssima na capital do Norte, desde 1928 que abandonou aquela cidade, tomando o caminho de Lisboa. A família sabia que

AS DUAS REPÚBLICAS ESPANHOLAS

UMA GRAVURA DE 1873... QUE SERVE EM 1931

EIS uma gravura antiga mas oportuna e de sábio ensinamento para a actualidade... Temos por costume percorrer alfarrabistas e colecionar velhos jornais, sobretudo os ilustrados. Folheando, ao acaso, um volume de *El Mundial de Barcelona*, do ano de 1873, deparou-se-nos essa gravura de madeira com a seguinte legenda: «Há dias os madrilenos foram surpreendidos por umas centenas de cartazes afixados em toda a capital pelo «Grupo Republicano de Verdad y Libertad», nos quais se lia uma proclamação de Nuñez Blanc: — «Cidadãos: acautelai-vos e acautelai sobretudo vossas esposas, vossas filhas, vossas irmãs. O perigo que ameaça a nossa República não está nos desacórdios entre republicanos, nem nas conjuras dos monárquicos, mas sim no clero. E' ele que nos odeia. E' ele que prepara a perda da República Espanhola. Serve-se de tudo, desde a consciência fraca das mulheres até à intriga mais infame. Salvemos a República.»

Esta proclamação, que, como reconstrue a gravura da época, provocou a maior curiosidade entre os madrilenos, data de 1873, ou seja da primeira República Espanhola, que pouco depois caía. Quem a derruiu?...

Ora bem... Ninguém ignora que a crise actual da Espanha que derrubou do arame governativo o ministério Alcalá Zamora foi provocada pelos deputados das Vascongadas, que, desfraldando a bandeira do problema religioso, em som-

de guerra alçaram o Parlamento aos céus de «Viva Cristo-Rei». O perigo comunista assustou a República, dum lado, e o problema religioso não cometeu uma ameaça ligeira. A Espanha é há séculos um dos países mais activos da política internacionalista do Vaticano. A Espanha não lhe inspira grande confiança como instalação do católicismo — nem agora sob a simpatia paxal do Fascismo. Conta sempre, prudentemente, a perda de Roma num futuro próximo — os

constância, a vasta importância da infiltração clerical em todo o reino, quando era reino. Há um século que eles perdiam terreno na Catalunha, em Valência, na Andaluzia — e mesmo em Castela. Sitiaram então enérgicamente o norte — as Vascongadas e a Galiza — ao mesmo tempo que enlaçavam o rei, a corte, os políticos conservadores e os defensores, para se defenderem. Surgiu a República, num milagre de civismo, e com a República perderam eles os mais dedicados protectores e, forçosamente, as suas mais poderosas forças e riquezas ilegítimas. Há-beis, dum fácil adaptação às circunstâncias mais cruéis, invadiram a própria República impondolhe a discórdia através dos elementos que mascararam e expediram ao Parlamento magnetizados por eles...

Esses elementos, convencidos talvez de que defendiam apenas os seus mais puros ideais, estavam indirectamente favorecendo a grande, a formidável força clerical, que tendo perdido terreno por um lado quer reconquistá-lo por outro.

A História é uma velha que repete sempre o mesmo conto... Que a dura lição que a República Espanhola recebeu em 1873, por imprevidência, por não se garantir contra os manejos destes seus inimigos — que a gravura que publicamos simboliza — seja aproveitada a tempo pela República de 1931. O maior perigo que ameaça a República Espanhola não é Afonso XIII, nem os políticos, nem os comunistas: é a cilada do problema religioso.



Uma rapariga do Porto que foge para Lisboa — Empregada como homem — Uma apresentação de Rocha Martins — Proposta de casamento — Uma perseguição de meninas no Estoril — A confissão.

ela estava nesta cidade porque as suas cartas eram datadas daqui — cartas que recebia com regularidade, cartas sóbrias em que apenas informava que o seu estado de saúde era óptimo.

Que facto extraordinário teria decidido Helena (é este o seu nome de baptismo) a abandonar a sua casa burguesa, pacata, onde era estimada, e a vestir-se de homem, fugindo para o Sul? Aparentemente, uma pequena zanga de família; mais profundamente buscadas as causas, encontra-se uma enorme ansia de liberdade no seu espírito romanesco, influenciada por películas de cinema e leituras sem método.

Helena era uma rapariga feliz que asfixiava no apertado espartilho da severa moral burguesa em que fôra educada. Aquela vida repousada de filha amimada, com professoras em casa, cinema aos domingos e missa nos Congregados, aborrecia-a. Invejava a liberdade das raparigas do povo, que iam para onde lhes apetecia, sem darem satisfações. A liberdade era um pomo apetecido, porque nunca fôra experimentado. Ah!, se ela pudesse ser independente, se pudesse viver à sua vontade, como um estudante, possuir o seu *appartement*, viver do seu trabalho, como um homem a quem não ficam mal certas loucuras! Quem lhe dera!... Este sonho, esta aspiração óbcecante foram-se avolumando um pouco na sua alma ingénua e romântica.

E o lar, que tanto contrastava com o seu sonho, cada vez mais a aborrecia. Chegou a tomar-lhe ódio. Fez tentativas de libertação, querendo quebrar as algemas que a manietavam. Começou a sair sózinha. Um dia que chegou depois da meia noite e já toda a família estava deitada, provocou escândalo. Na manhã seguinte ao almoço, o pai admoestou-a duramente.

O bom burguês podia lá admitir tais liberdades a uma filha de dezoito anos? Que diria a vizinhança, se soubesse? Seria uma vergonha para toda a família, que fôra sempre impecável no cumprimento dos seus deveres e na observação rigorosa da mais rígida moral.

Helena ouviu a reprimenda de sobrolho carregado. E nessa mesma tarde desapareceu para não mais voltar.

OS ANÚNCIOS DO COSTUME



A princesa Ileana fardada de oficial de marinha

Ernesto Magalhães, um antigo condiscípulo nosso, que é hoje caixeiro-viajante, regressando há três anos a Lisboa no «rápido» do Norte, conheceu Helena no primeiro dia do seu *travesti*, tomando-a por um rapaz. Companheiros de viagem, entabularam conversa. Helena confessara-lhe que era a primeira vez que vinha a Lisboa. Pensava em arranjar um emprego na capital, e Magalhães prontificou-se a apresentá-la a um amigo que talvez a pudesse colocar num Banco. Helena hospedou-se nessa noite no Hotel Metropole, onde deu, pela primeira vez, o seu suposto nome de homem. Esse nome é... Não temos o direito de o revelar. E, por exemplo, António Campos...

O seu amigo Ernesto Magalhães não esqueceu a promessa. Como não fôsse fácil obter-lhe um lugar num Banco, envidou os seus esforços por outro lado, vindo a colocá-lo (passamos agora a tratar Helena como se ela fôsse um homem) numa conhecida companhia telegráfica, com um ordenado principesco. Tomaram muitos ter a sorte que teve essa gentil donzela disfarçada de rapaz! Entretanto, a família, alarmada, publicava nos jornais de Lisboa e do Porto o seguinte anúncio:

DESAPARECIDA

Abandonou a casa de seus pais Helena de... Conta dezoito anos, estatura mediana, olhos e cabelo castanho-escuro, rosto oval, bonito, magro e elegante. Vestia, à data do seu desaparecimento, vestido de «crêpe de Chine» «grenat», sapatos de côr, chapéu da côr do vestido. Pede-se a quem saiba do seu paradeiro a fineza de comunicá-lo aos pais, na Rua

Alguns dias depois da publicação deste anúncio, o pai recebia a seguinte carta:

Meu querido pai:

Sinto muito o desgosto que lhe causel com a minha fuga. Tive-lhe sempre um grande amor e muito respeito. Foi, como sabe, uma filha estrepada. Dedico-lhe a si, como à mamã e aos manos, uma estima sem limites. Mas o meu temperamento não se coadunava com a existência monótona que levava na vossa companhia. Desejava a minha liberdade, a minha independência. Resolvi, por isso, libertar-me da carinhosa escravidão da família. Não esteja em cuidado sobre o meu destino. Felizmente, não tenho encontrado dificuldades para viver. Pelo contrário, fui dotada de uma sorte invejável. Não me falta que comer, nem que vestir, nem alojamento, nem a liberdade que eu tanto desejei.

(Conclue na pag. 12)



A origem da aventura foi uma zanga familiar

O TERROR DOS CASINOS DA CÔTE D'AZUR

é um preto português, iniciado nos segredos da magia negra, que lhe permitem ganhar infalivelmente ao jôgo.

HÁ um mês, pouco mais ou menos, a imprensa estrangeira e alguns jornais portugueses noticiaram um escândalo que atraiu as atenções de todo o mundo. Nas praias mais afimadas da Côte d'Azur apareceram, com excepcional abundância, pessoas que tinham ao jôgo uma sorte sobrenatural. Senhoras de boa sociedade e cavalheiros de elegante apresentação,



em poucos dias, levaram bancas à glória em Monte-Carlo, Nice, Cannes. Onde quer que existisse um pano verde, havia uns felizardos que enriqueciam velozmente, começando por apontar quantias insignificantes. Correu depois o boato de que as pessoas de sorte sobrenatural haviam comprado por bom dinheiro um mágico segrêdo. E quem era o cérebro privilegiado que concebera o plano estratégico para se vencer nessa batalha contra os maus desígnios do Destino?

Falava-se vagamente em magia negra. Mas quem sabe na Europa o que é magia negra? O homem que ensinou a alguns turistas a maneira infalível de ganhar ao jôgo diluiu-se na sombra, ocultava-se mesmo sob a presença de um pobre charlatão que teria muito gosto em ser êle o verdadeiro inventor do tal método infalível de ganhar ao jôgo. Mas o pobre charlatão, segundo informes seguros dados por pessoa de absoluta confiança, apenas

ganhou alguns patacos para passar pelo outro... o autêntico feiticeiro, que é mais esperto do que muita gente julga.

Antes de fazermos as últimas revelações sobre o escândalo mundano da Côte d'Azur, principiemos por revelar que a magia negra não é, como muita gente julga, uma brincadeira de crianças. Essa magia existe e consegue coisas tão ou mais espantosas do que a magia oriental. Um explorador americano, daqueles americanos graves, circunspetos, incapazes de mentir, tão incrédulo como tu, leitor, fez há pouco tempo, em companhia da sua esposa, uma viagem através da África Equatorial Francesa, propositadamente para assistir a alguns desses espectáculos, muitos deles horrorosos, trágicos. Os brancos não podem, senão muito excepcionalmente, assistir a êsses espectáculos. O explorador americano conta que só por ter sido considerado negro — devido a certos cultos que praticou e à sua obediência aos mitos e superstições negras — conseguiu que se realizassem espectáculos de magia na sua presença. O hipnotismo é, para certos feiticeiros, uma banalidade. Praticam-no com uma facilidade e uns efeitos estupendos. É pelo sonambulismo que êles adivinham o passado, o presente e o futuro. Uma noite desenrolou-se ante os seus olhos uma horripilante cena de magia. O feiticeiro, um Hércules simpático e muito inteligente, arremessava ao ar uma pretinha hipnotizada e hirta e amparava-a na ponta de uma espada que a perfurava de lado a lado. A pretinha era uma princesa, filha de um barbado rei das selvagens.

O explorador, horrorizado, confrangido, estava convencido de que a criança ficaria sem consêrto. Depois de a perfurar em vários sítios, o feiticeiro levou-a, acompanhada de um rito misterioso e selvático, para uma cubata, onde a encerrou durante toda uma noite. Ficaram velando junto dela o feiticeiro, o explorador e alguns dignatários da corte negra. No dia seguinte, com grande espanto do americano, a pretinha acordava fresca e bem disposta do sono pesado em que a haviam mergulhado e no corpo não se via sequer uma beliscadura.

Ora, segundo nos informa pessoa de absoluta confiança, que esteve êste verão em Monte-Carlo — pessoa cujo nome jurámos não revelar —, o homem

(Continua na pag. 13)

Um toureiro em Cons-

Português — A tauromaquia fóra da Ibéria — A farsa tauromáquica de Whitmont — O novo estilo... de Luiz Afonso.

COMO não somos *aficionados* tauromáquicos, o nome de Luiz Afonso é-nos absolutamente desconhecido. Ignoramos, pois, quantas vezes, quando e onde toureou em Portugal, qual o seu valor no toureiro e qual a fama que deixou nos redondeis. A sua fotografia, que acompanha um pacote de programas, de instantâneos, de recortes de jornais, essa sim, despertamos-nos alegres reminiscências do tempo em que frequentávamos o *Sulço* — aí por meados de 1917 — e em que o *Sulço* era ainda um *rendez-vous* de moços amaralvados e de entusiastas da nobre



arte. E a que pretexto nós evocamos agora o nome de Luiz Afonso? Pasmem... Este nosso compatriota acaba de realizar em Constantinopla uma série de corridas de touros que, pelo êxito obtido e pelo seu pitoresco, merece ser revelada e... comentada.

Como se sabe, o espectáculo das *arènes sanglantes* está limitado a pouquíssimos países: Espanha, onde já começa a degenerar, em Portugal, que degenerou numa decadência irremediável, no México, no Perú, no Brasil, creio que também na Venezuela e ao sul da França, em Nimes sobretudo. Têm-se feito várias tentativas para dilatar êste âmbito, mas todas fracassam ante a negativa firme dos governos ou sob os protestos indignados das Sociedades Protectoras de Animais. Nos Estados Unidos, um empresário espanhol gastou três anos e quasi toda a fortuna para obter a licença para uma só corrida de morte. O negócio era tentador. Já estava preparado para êsse fim um



português em Constantinopla

dos maiores estádios de New York; contando com a curiosidade excêntrica dos *yankees* podia prever, sem optimismo exagerado, uma enchente, ou seja uma casa com 40.000 espectadores a 2, 3, 5 e 10 «dollars» por cabeça. Mas, nas vésperas, os *comités* puritanos agitaram-se e o governador proibiu-a! Em 1925, outro espanhol, Suarez del Val, conseguiu do governo francês licença para uma série de corridas em Paris, nas «Arènes Luthéticas». Durante as cinco primeiras tardes e a hora de começar, caía um tal dilúvio sobre a cidade que o público não ousava sequer sair à rua. Quando, no sexto dia, o tempo mudou e o sol doirava as *Arènes* chega, à última hora, uma ordem da Prefeitura suspendendo o espectáculo.

As corridas de touros não têm, positivamente, a protecção da Providência, fóra da Ibéria. Mas de todas as tentativas fracassadas a que resvalou em autêntica farsa foi a de Londres, há poucos anos. Um andaluz nobre e rico, grande *aficionado* às toureadas e residente em Inglaterra, dois terços do ano, por causa dos seus negócios, apaixonou-se pela ideia de electrizar os «nervos de cordel» e o «sangue de chufa» dos britânicos, oferecendo-lhe uma corrida — pelo menos uma — à espanhola. Insistiu nas suas *démarches* e um deputado que lhe favorecia a iniciativa segredou-lhe que, para facilitar a decisão do governo, propusesse dar o espectáculo, não em Londres, mas sim em qualquer cidade pequena dos arredores. Escolheu Whitmont, uma localidade de 5.000 habitantes, mas apenas a meia hora da capital, sendo portanto acessível a todos os londrinos. Improvisou-se uma praça, ocultando-se até à última o destino das obras que se realizavam. Mas quando os habitantes de Whitmont se aperceberam do que se preparava protestaram indignados como se pesasse sobre eles a ameaça de uma deshonra eterna. No próprio dia em que chegavam os touros que vinham, enjaulados, das *ganaderías* andaluzas, os protestos davam fruto e o governo retirou a licença concedida.

No auge do desespero, pelo tempo e dinheiro perdidos e pela vergonha do fracasso, o nosso sevilhano germina uma vingança: solta os oito touros e vai para a janela do hotel assistir ao espectáculo. «Quer queiram quer não — dizia êle aos amigos — não-de ter uma tourada!» Calcule-se o pânico, as correrias, o pavor daqueles ingleses! Os «maiores» do lugar organizaram rápidos serviços de salvação, ajudando os bombeiros; mas os corníferos atiravam ao ar as bombas, os bombeiros, os *sheriffs*, os *pollicemen*, sem os maltratar com dureza e, antes pelo contrário, criando cenas dum cómico irresistível, sobretudo pelo contraste da seriedade daquela gente britânica, muito grave, que dava voltas no espaço, que se estendia no solo e que fugia depois, velhos, novos, obesos e magros, esfregando o corpo magoado e dando às pernas uma energia milagrosa. O sevilhano ria a bom rir, da sua janela; o seu riso contagiava-se — quando surge um jovem *soortman* em bicicleta, com um pano vermelho dependurado no extremo de uma longa vara, começando a tourear os bichos com uma técnica imprevista e inédita nos anais da tauromaquia... O espanhol, ao vêr êste profano cometer verdadeiros sacrilégios contra a arte, pula para a praça, arranca-lhe o trapo escarlate e começa a capear o touro com uma tal felicidade

(Continua na pag. 13)



Escândalos do «Reino dos Trapos»

O espião das... últimas modas

UM escândalo *chic* está reboando em Paris, pasto de todas as controvérsias e *potins* da sociedade elegante da capital francesa. Boni, o cubiçado, o inigualável, o famoso Boni, o favorito da Rue de la Paix, o *Duce* de todos os soberanos da Place Vendôme, foi expulso dos seus reinos, exilado, insultado, desprezado por todos e *todas* que ainda ontem o aplaudiam, o acarinhavam, o mimavam. Mas quem é Boni? Boni era o máximo artista criador de modêlos, o ilusionista mais prodigioso das *toilettes*, o Satan dos trapos — ou das sedas. Não que fôsse um costureiro, um desses modistos que desde Paris ditam a moda para Buenos Aires, para Londres, para Tokio e a quem as rainhas escrevem, e que frequentam os maiores salões da aristocracia... Boni era mais do que êles — sendo apenas um assalariado dos outros. Boni, pintor sem êxito, no início da carreira, fez, como o japonês Fujita, um salto acrobático, trocando os sonhos de glória eterna pela glória imediata, lucrativa, fôfa e saborosa. Para triunfar na vida não era preciso o esforço de alma e cérebro de um quadro genial — dêsses que se



entronizam para além dos séculos: bastava o *truc*, o badalo do exhibicionismo, apalhado de excentricidade. Dedicou-se exclusivamente ao desenho de *toilettes*, à invenção das modas, em pequenas folhas de papel, que os modistos copiam, depois, em tecidos caros e vendiam a preços inverosímeis. Criou um estilo, uma especialidade inconfundível, e as damas *chics* de Paris, *avant-garde* galante das damas *chics* de todas as capitais, renderam-se ante a fantasia de Boni, não querendo outras *toilettes* que não fôsse *signé* Boni. Logicamente, os costureiros, os modistos disputavam-nos, pagavam-lhe a olhos vendados os soldos que êle lhes exigia, na certeza dos bons negócios que lhes proporcionava... E não bastava pagarem-lhe os principescamente: era necessário também adorá-lo, bajulá-lo — porque Sua Excelência, à menor imprudência voltava as costas e favorecia os concorrentes com os seus modêlos famosos...

Todo êste castelo de oiro se esfarelou. Boni foi expulso, vexado, desterrado. E porquê? Porque se descobriu que êle, não satisfeito com a fortuna constante que significavam os seus trabalhos frívolos, assoprava as suas riquezas através do pior dos *métiers*: o de espião. Boni era o espião da Rue de la Paix, da Place Vendôme...

Dificilmente o pacato lisboeta fantasia o *carroussel* imenso de interesses que gira em redor desse reino dos trapos que é o bairro dos modistos de Paris. Um terço do dinheiro que os homens conquistam nos altos negócios da Fran-

(Continua na pag. 14)

«Dossier» 232 A Z

O que uma ficha do «Reporter X» revelou a um seu leitor das Caldas da Rainha sobre um banqueiro que queria ser condecorado

UM leitor do Reporter X, calculando talvez que nos apanhava em delírio de ignorância — imperdoável num jornal como o nosso, que possui hoje um dos mais valiosos e completos arquivos do país —, escreve-nos perguntando se conhecemos alguma coisa da vida (a vida pública, bem entendido) do sr. Manuel Martins Pereira, conceituado banqueiro das Caldas da Rainha.

O nome não nos era desconhecido. Pelo sim, pelo não, consultámos o nosso arquivo na letra P. Lá estava: Pereira. O nome completo é Manuel António Martins Pereira. O seu *dossier* tem o número 232 A Z, e ostenta em letra vermelha esta rubrica: *Banqueiro-agiota*.

Esta rubrica excitou-nos a curiosidade e lançamo-nos na leitura ávida dos elementos que pouco a pouco foram avolumando os informes sobre esta importante personagem da vida portuguesa.

Atente, pois, o leitor curioso e que julgou encontrar-nos em falso no que a respeito do sr. Martins Pereira consta, em resumo, do nosso *dossier*.

O sr. Martins Pereira é um antigo chefe monárquico recém-pintado de republicano. Devido à sua fortuna e ao seu bem estudado exibicionismo, é considerado um dos elementos de maior destaque nas Caldas da Rainha. Há pouco tempo, fazendo umas manobras habilísimas, tentou alcançar uma condecoração — nada menos do que o hábito de Cristo. Mas a manobra não resultou.

É em sua casa que se hospedam quasi sempre as pessoas de maior vulto social, decerto porque essas pessoas ignoram que a casa bancária que êle possui encobre o maior centro de agiotagem do distrito de Leiria.

A agiotagem dêste ilustre cavalheiro tem dado lugar a desastres graves que toda a gente bem conhece nas Caldas. De entre êsses desastres avulta um, que tomou verdadeiras proporções de tragédia.

Um dia, um honrado comerciante, que não soubera especular e sempre fóra honesto, precisou de dinheiro para desenvolver o seu negócio, recorrendo à casa bancária. Foi-lhe emprestado o dinheiro que precisava mas com um juro elevadíssimo, que nem a lei nem a moral autorizam. Os negócios continuaram a piorar, e o comerciante, homem honrado e escrupuloso, procura o banqueiro-agiota para lhe pedir um adiamento do pagamento. Sorriente, esfregando as mãos, respondeu-lhe o sr. Martins Pereira:

— Pelo tempo que quiser e o dinheiro que precisas...

E o comerciante descansava, até que um dia... Um dia foi surpreendido com uma acção no tribunal e uma penhora iminente que não pôde evitar, apanhado de surpresa, ou melhor, à tração, pelo banqueiro-agiota na cilada que cobardemente êste lhe armara.

O desgraçado comerciante — António Valério, soberaneamente conhecido nas Caldas da Rainha — só encontrou um caminho na sua frente para fugir à deshonra e à ruína: a morte. Suicidou-se no mesmo dia em que conheceu a cilada armada à honra e à fortuna, sua e dos seus.

(Continua na pag. 14)



O banqueiro-agiota

Uma rapariga vestida de homem

(Continuação da pag. 9)

Mil beijos à mamã, abraços aos meus irmãos e para si um muito apertado da sua filha que lhe pede a benção

Helena

Esta carta teve o condão de acalmar um pouco os nervos da família angustiada. Os anúncios nos jornais cessaram. Mas, em segredo, um irmão de Helena veio a Lisboa proceder a investigações. Esse irmão, mais velho do que Helena dois anos, buscou por todos os cantos, revolveu a capital em todos os seus escaninhos, vendo-se forçado, ao cabo de um mês, a regressar desanimado ao Porto. Mal pensava êle que, mais de uma vez, roçara ombro com ombro pela irmã e que, para cúmulo, chegara a viajar na mesma carruagem para o Estoril, que Helena começou a frequentar com grande assiduidade. Mas como podia o rapaz adivinhar que aquele elegante «papo-sêco», de boquilha ao canto da boca, já masculinizada pela vida livre que levava, era a sua irmã tão gentil e delicada?

COMO CONHECI O CAMPOS

Quando se convenceu de que estava absolutamente adaptada à sua vida de homem, Helena, neste caso António Campos, começou a cultivar amizades, a criar uma larga e escolhida roda de relações. Pouco a pouco, foi-se tornando conhecido. Lembro-me de lhe ter sido apresentado pelo grande escritor e meu velho amigo Rocha Martins, que lhe dedicava uma certa estima. Foi ali no Cais do Sodrê, à chegada do comboio de Cascais. Após a apresentação, António Campos correu lesto para um «eléctrico». Que lámos eu e Rocha Martins conversando um momento, junto da estátua do Duque da Terceira.

— Quem é êste rapaz? — perguntei a Rocha Martins.

— É empregado numa companhia qualquer. Frequenta muito a linha do Estoril. Foi-me apresentado há meses pelo Américo de Oliveira. Gosto dele. Parece sossegado e culto.

Nunca mais pensei no tal António Campos. A impressão que me ficou gravada na memória foi a da sua fragilidade feminina. Essa impressão não se concretizou, porém, na menor suspeita. Há rapazes assim, de aspecto frágil, embora não seja lícito duvidar da sua virilidade.

UMA SITUAÇÃO DIFÍCIL

Pelo estio, António Campos costumava ir muita vez ao Casino Internacional. Ali se relacionou com várias famílias. E essas relações criaram-lhe uma vez uma situação difícil. Um conhecido comerciante de Lisboa que veraneava na Costa do Sol, com a mulher e uma filha casadoira, começou a fazer-lhe insistentes convites para jantar e para assistir a todas as festas na sua casa de S. João. António Campos, a breve trecho, percebeu a manobra. Os papás queriam casar a menina... E achavam que o Campos, rapaz sossegado, inteligente, com um emprego invejável e uma notável doçura de carácter, era um partido que convinha. *Ele* não tinha fortuna, mas possuía um bom-senso admirável, mais valioso do que o dinheiro. A menina apaixonou-se facilmente por aquele que tomava por um galante rapaz. Dependurava-se no braço *dêle*, de manhã nos passeios pela praia; procurava mesmo estar só com *êle* para mais à vontade lhe permitir liberdades que *êle*, afectando uma seriedade e compostura impróprias do nosso tempo, não queria usar.

O que se imaginava futuro sogro proclamava aos quatro ventos que, seguro da impecável honestidade do Campos, lhe podia confiar a filha certo de que *êle* lhe restituiria intacta. Que grande comédia *êle* teve que representar para não se trair, para não gritar que as meiguices da menina casadoira o torturavam—porque *êle* era mulher e bem mulher.

O suposto namôro de António Campos e a menina Alda incitaram outras raparigas a requestá-lo.

Começaram a notá-lo e a entreter com *êle* flirts que, por vezes, iam além das conveniências. Depressa o Campos se viu perseguido por uma multidão de gentis meninas que o convidavam para festas, passeios e jogos, disputando todas a primazia da sua atenção.

A felicidade de Campos começou a toldar-se, como os translúcidos horizontes de outono, por núvens pesadas e ameaçadoras.

UM EPÍLOGO FELIZ

Um dia — há um mês, pouco mais ou menos — António Campos encontrou Ernesto Magalhães no Café Chiado. Não se viam havia muito tempo. O



Ivonne Dupont, que andava em Paris vestida de homem

Campos nutria pelo Magalhães uma simpatia profunda. Nunca esquecera que a *êle* devia o seu bem-estar.

Como Magalhães achasse um pouco triste o seu amigo perguntou-lhe a causa da tristeza. Ele contou-lhe então a perseguição de que fôra alvo por parte das suas conhecidas do Estoril e teve esta expansão, que lhe traiu o sexo:

— Estou cansada desta existência.

— Cansada?! — fez com espanto Ernesto Magalhães.

O Campos, então, não pôde reprimir uma torrente de lágrimas e repetiu em voz convulsa:

— Cansada, sim. Eu não sou um homem como sempre me julgaste. Sou uma pobre rapariga louca que, ansiosa de liberdade, se vestiu de homem para melhor a usufruir.

E contou-lhe, soluçante, toda a aventura que o leitor já conhece.

.....
Helena está hoje na companhia da família na cidade do Porto. A sua ausência foi desculpada com uma doença que a obrigou a permanecer todo êste tempo na província, a ares...

E o leitor não ficará surpreendido se eu lhe anunciar para muito breve o casamento de Helena com o seu protector de acaso, Ernesto Magalhães.

Que sejam felizes.

MÁRIO DOMINGUES

Al Capone

(Continuação da pag. 6)

pota e recomeçou o passeio, mas agora lentamente e exibindo-se, risonho e tranqüilo. De todas as janelas e portas surdriam cabeças de mulheres e de homens chamando-se uns aos outros, numa algazarra alegre, num alvoroço contente... Ranchadas de petizes corriam já atrás do carro, trepavam à portinhola, oferecendo-se às carícias de Al Capone. Todos, adultos e crianças, o conheciam; muitos o saudavam; alguns abeiravam-se-lhe, quando o «auto» parava, e agradeciam favores ou lamuriavam desgraças, recebendo, em troca, as notas que *êle* desembolsava, em molhos amarfanhados, e distribuía. Era *êste* o único aspecto de fraqueza que enodoava aquele espectáculo de simpatia com um demasiado exibicionismo, numa dupla ostentação de novo-rico: a da própria riqueza e a da filantropia. Quasi ao extremo do bairro, o «auto» estacou de novo e Al Capone, apeando-se e convidando Bette Henriques, entrou numa espécie de *hangar*. No vestíbulo, que era espaçoso e frente a um *gulchê*, enfileirava-se uma longa bicha de gente quasi andrajosa, rostos esquelidos, faces barbadas de dias, olhos febris. A presença de Al Capone provocou um murmúrio, vago ao principio e logo dilatado numa orquestração de vozes e alaistrada por um movimento geral de curiosidade e de veneração. Curvavam-se, deschapelavam-se rasgadamente, erguiam os braços e sacudiam as mãos entrelaçadas, numa saudação original...; e Al Capone, atravessando o vestíbulo, alargava o seu sorriso, chupava com mais força o fumo do seu charuto imenso. Do vestíbulo passaram a uma vasta sala, quadriculada, com longas mesas onde abancavam, comendo à farta, duas centenas de individuos de ambos os sexos e crianças. Várias mulheres trajando de branco serviam aquele banquete, ininterrupto visto que, à medida que uns terminavam e abriam brechas na multidão dos comensais, logo outros vinham ocupar os seus lugares. O «Rei do Crime» especou-se então a meio da sala, de pernas em compasso, piparroteou o chapêu para a nuca, acolchetou os polegares nas cavas do colete, fez bailar o charuto entre os dentes mui brancos, e que os lábios arrepanhados num largo sorriso de contentamento desnudavam, e segredou para o nosso compatriota: «Veja aquilo!» Aquilo era um *écran* cenográficamente pintado que focava a parede do fundo e no qual se lia: «Onde Al Capone gasta o dinheiro que os verdadeiros ladrões dizem que *êle* rouba. — Obras de Solidariedade Humana de Al Capone — 1.ª Secção: Os refectórios gratuitos. Em cada um dos maiores cinco bairros operários de Chicago serão distribuídas todos os dias mil refeições, das oito da manhã às oito da noite, a operários sem trabalho e respectivas famílias, desde que solicitem a respectiva senha, provando o desemprego, nos escritórios da Secção. Cada senha garante duas refeições diárias por um período de oito dias.» Era espectacular, sem dúvida, o processo de reclamar a própria generosidade; contrariava o preceito cristão de dar com a esquerda sem que a direita o veja, mas, de todas as formas, modificava por completo a impressão que o bailarino português tinha do «Rei do Banditismo», explicando também o ambiente que *êle* gozava...

CRIME DE AMOR...

Foi no regresso dêsse passeio que Bette conheceu o caso do florista. Al Capone, que guiara o carro, à ida, confiou o volante a um *chauffeur*, à volta. Súbito, ao passar por uma rua central, e olhando pela primeira vez para o caminho, empalideceu, crispou os punhos, vociferou contra o condutor, blasfemando numa algaraviada italo-inglesa: «Maldito! Per Baccho! Ar' you shelder? O dia já não me pode acabar bem! Passar por esta rua, não lembra ao diabo!»

Bette seguiu o olhar de Al Capone e viu apenas uma loja de florista. À noite revelaram-lhe o segredo daquele acesso de cólera quasi epiléptico. Fora naquele local que Al Capone praticara ostensivamente, voluptuosamente, *peossalmente*, um crime de morte, arriscando-se a cair na cadeira eléctrica, do que se salvou por um verdadeiro milagre. Existia no seu bando um José Ninguém — Jack-Karl — que desde o início lhe mereceu o mais assíduo favoritismo. Trepou de grau, de soldo, e por último, casando-o com uma afilhada, financiou-lhe uma loja luxuosa de florista, para melhor o abrigar das suspeitas da policia. Nessa época Al Capone estava enamorado: era uma mestiça, filha de inglês e de japonesa, doce, meiga e simples como uma pequena *ghelsa*, que ele adorava com o respeito dum pai e com a ardência de um amante. Ocultava-lhe todas as suas proezas, como temendo causar-lhe repugnância, e obedecia-lhe, humilde, como um colegial... Jack Karl, sobre quem já recebera avisos de deslealdades pouco gratas, caprichou em roubar-lhe o amor da amada. Uma noite, ao entrar em casa, Al Capone encontrou-a morta. Suicidara-se! Louco de dor, investigou a causa desse acto de desespero. Soube-o! Jack Karl, aproveitando-se da sua ausência e do sono da amante, violentára-a brutalmente; e ela, a doce *ghelsa*, não querendo sobreviver a essa infidelidade involuntária, refugiara-se na morte. Ainda não tinham rematado a revelação daquele misterio e já Al Capone, em cabelo, atirando contra as paredes quem tentasse contê-lo, corria para a loja do florista. Este, acovardado já com a ideia do castigo, preparava as malas para fugir. Não o conseguiu. Cinco balas o grudaram ao solo, num lago de sangue.

O enterro do florista ficou célebre em Chicago. Os inimigos de Al Capone usaram-no para organizar uma manifestação de antipatia e de protesto. E contudo, de todos os seus crimes, é este, sem dúvida, o mais humano.

R. X.

NA PRÓXIMA REPORTAGEM:—Os alçapões de Al Capone.

ÚLTIMA HORA

Os telegramas dos últimos dias anunciaram a condenação de Al Capone a dezassete anos de penitenciária. A última hora, noticiam que o «Rei de Crime» se refugiou no Estado do Texas, onde possui grandes propriedades que confinam com o México, e que o governador deste Estado se nega a entregá-lo aos juizes que o condenaram. A frente deste movimento proteccionista está Mr. Herkker Jacobb, influente político anti-abstencionista. Será o epilogo ou o entreacto do drama?

Mais um «Reporter»

No dia 20 deste mês, nasceu mais um redactor do «Reporter X». Reinaldo Ferreira, o nosso querido Director, aguardava-o com impaciência. Ele, porém, parecia pouco apressado em entrar neste pobre mundo de Cristo. A tardança da sua chegada obrigou a uma operação cirúrgica, feita com inextinguível pericia pelo sr. dr. João de Almendra, coadjuvado pelo dr. António Pedro Martins, ambos de um carinho tocante para com a parturiente, D. Carmen Cal Ferreira, que está, felizmente, livre de perigo e encantada com o bebé.

O nascimento deste filho de Reinaldo Ferreira, que vem gordo e bem disposto e é parecidíssimo com o progenitor, enche de contentamento todo o pessoal do «Reporter X».

Dando os nossos parabens aos pais, ficamos aguardando que o *bambino* cresça para ocupar no jornalismo e nas Letras o lugar que seu pai tão brilhantemente lhe está conquistando.

Côte d'Azur

(Continuação da pag. 10)

extraordinário que ensinou os felizardos a ganhar ao jôgo é um preto, é um português. É um negro educado, muito conhecido em Lisboa. Veste como um *dandy*, usa monóculo e costuma passear todas as tardes no Rossio. Foi educado em uma das melhores escolas lisboetas. Há uns cinco anos, impellido pelo seu espírito aventureiro, desapareceu de Lisboa. Sabe-se apenas que regressou a Angola, perdendo-se no interior. O segredo do seu êxito recente consiste em ter aprendido muito da magia negra que, mesmo em África, é uma ciência em que raros são iniciados. Veio para a Europa e montou o seu negócio. Em vez de ir pessoalmente aos casinos arrancar com o seu *truc* mágico fortunas aos banqueiros, preferiu bifurcar através de vários turistas os tentáculos com que sugava quantias fabulosas. Os jogadores são hipnotizados por ele. E é durante esse estado sobrenatural, que lhes permite adivinhar nitidamente em que número cai a sorte, que eles jogam. Metade do ganho é dado como prémio ao feiticeiro. E não há possibilidade do jogador hipnotizado trair o hipnotizador, porque ele, feiticeiro, mantém-lhes o estado hipnótico até eles regressarem ao seu consultório.

E se o feiticeiro se lembrasse de montar o seu consultório no Estoril? Não lhe faltariam clientes...

UM «REPORTER» COZINHEIRO

(Continuação da pag. 5)

tigão, embebido na leitura do «Times», sorria apressado e distraidamente a sopa de camarão... E o outro freguês, um comerciante alemão do bairro, todo entregue à leitura do *Tage Zeitung*, mastigava a «assorda à alentejana», garfada sobre garfada, sem a menor surpresa. Cozinheiro e criado assistiam à cena, sem coragem para intervir e confessarem o erro e temendo, a todo o instante, que qualquer dos dois se apercebesse da troca e se encolerissem! Mas qual não foi o pasmo do cozinheiro quando os dois clientes terminaram o almoço e a leitura dos jornais, pagaram a conta, se ergueram, se viram, se saudaram, dialogando assim:

— Então, sr. Z... Almoçou bem? — perguntou Ramalho.

— Optimamente! Comi uma sopa de camarão apetitosíssima — respondeu o alemão... que comera a assorda...

— E eu uma «assorda à alentejana», como vocês na Alemanha não conhecem! — afirmou Ramalho, que repetira três vezes a sopa de camarão.

— Assorda! — exclamou o germânico, com ar enojado. — Que horror! Nunca provei, nem provaréi! Não é para alemães essa comida.

Foi assim, na evocação de anedotas e episódios do passado, num ambiente de «limpeza máxima», que passámos no «Royal» os dias mais agradáveis da nossa reportagem.

IDILIO FERREIRA

Um toureiro português em Constantinopla

(Continuação da pag. 11)

dade e inspiração que dentro em pouco já estalejavam aplausos. Remate: Este acontecimento picou de tal entusiasmo os habitantes de Whitmont que foram eles próprios quem, a seguir, supplicaram ao governo a autorização para a tourada. Mas o governo não voltou atrás.

Há coisa de três anos lemos num jornal francês que fôra solicitada ao governo de Angola licença para uma série de corridas em Constantinopla.

Ignoramos se era já Luiz Afonso que iniciava as suas *démarches*. O que sabemos, sim, é que no dia 17 do mês passado se realizou a primeira — repetindo-se nos dias 25 e 30; e depois, nos dias 4 e 6 do corrente, sendo a última da série no dia 8. A autorização foi dada no mês de Maio — começando então a construir-se uma espécie de praça no interior de uma antiga *gare* do Caminho de Ferro, que foi batizada com o nome pomposo de «Plaza lberia do Oriente» e cujas obras, apesar



Luiz Afonso

da modéstia do material, custaram cerca de 2.500 libras (280 contos). Pelo que pudemos deduzir da informação particular que recebemos, dos vocabúlos espanhóis e portugueses que entre as frases em turco semearam os programas e ainda das fotografias da corrida inaugural — o nosso compatriota criou um *genero absolutamente novo* de corridas — adaptado aos recursos de que dispunha... O único toureiro de verdade era ele, bandirilhando, capeando, etc... — ora a pé ora a cavalo —, ajudado apenas por um tal *Mallorca* e por dez *campinos de Sevilla* (*campinos de Sevilla* vem assim nos anúncios), os quais não saíam do redondel durante toda a corrida, e sempre com as varas em riste e improvisando intermédios mais próprios dum circo que duma praça... Seja como fôr — esgotaram-se os bilhetes em todos os espectáculos, e o nosso Luiz Afonso deve ter ganho, segundo nos garantem, perto de 8.000 libras.

O que nós queríamos saber é como foi ele parar à Turquia e como lhe veio a ideia de organizar corridas de touros em Constantinopla! Esta é, de facto, uma ideia que não lembra nem ao Segurado!

O homem mais «snob» do mundo

(Continuação da pag. 7)

tão requintado, tão desdenhoso de tudo o que não fôsse harmonia e beleza, começou a descuidar a sua indumentária, a criar dívidas, até que, tornando-se insustentável a sua situação, desapareceu de Paris, deixando atrás de si um rastro de belezas em ruínas. Desde 1923 que não o via. Quando o reconheci agora, aqui, nesta taberna, senti a mesma angústia que experimentamos quando visitamos um castelo, que soubemos outrora altaneiro e invulnerável, em ruínas onde a herva cresce e a triste solidão paira.

Aquelas tabernas da Ribeira Nova são um mundo de reportagens inesgotáveis de assunto.

M. D.

O «Reporter X» vende-se em todas as tabacarias

Homens & Factos do Dia

(Continuação da pag. 3)

mas, velhas e gretadas, a garantir o plebeísmo do criminoso. Bem sei que desta vez o Acaso protegeu a estupidez bronca do assassino, e que sem o admirável instinto do chefe Pereira dos Santos êle ter-se-ia escapulado. Mas mesmo assim era o Acaso e não os factores dos outros affaires que o teriam liberto. E agora êste último, o do carvoeiro. Quem era o assassino que se apresentou logo à policia? Um carvoeiro...

* * *

A que objectivo pretendo eu chegar? Muito simples. E' que em Portugal toda a gente parte do principio injusto, cruel, falso, de que o crime, em todas as suas manifestações, é monopólio exclusivo do povo. Não é assim. Na burguezia, na baixa, mediana e na alta burguezia (esta última sob o disfarce de aristocrata) praticam-se as mesmas proezas, as mesmas façanhas, os mesmos crimes, visto que os instintos são iguais em todas as classes, e quanto às causas êles superabundam de preferença nesta do que naquela classe. O que tem ajudado a colorir esta mentira é que a nossa organização policial está apenas preparada para surpreender, perseguir, castigar os criminosos do povo. Os outros, que, graças às suas faculdades especiais de illustração e de velhacaria, sabem apagar melhor os vestígios das suas más obras, estão fóra do alcance da policia. E daí a sua impunidade.

A prova está em que, lá fóra, desde que a policia se evadiu da convenção de que só os plebeus eram criminosos, a percentagem dos crimes praticados por gens de bien nivelou-se ou suplantou a dos outros. Quando, há meses, se descobriu, em Paris, o assassino do joalheiro da Avenida Mozart e se soube que era um filho-família, ex-rico, elegante, bem relacionado, Le Quotidien publicou uma estatística provando que dos últimos dez crimes sensacionais, oito eram obra de burguezes catitas e apenas dois de criminosos da ralé... E não é só em Paris. A policia de New York, numa rusga que fez aos bairros excêntricos, buscando certa quadrilha que conseguira até então absoluta impunidade, viu, com surpresa, ao deitar-lhe a mão, que dos vinte e cinco membros que a compunham, vinte eram cavalheiros da chamada boa sociedade...

A verdade a que quero chegar é a seguinte: que os gentlemen estão fazendo uma concorrência desleal aos apaches.

REPORTER X

«Reino dos Trapos»

(Continuação da pag. 11)

ça desemboca ali, esbanjado pelas damas que vestem à última moda. A grande parte do dinheiro que os estrangeiros levam para Paris é ali que o gastam, porque os estrangeiros que vão a Paris querem vestir-se na Rue de la Paix. Todas as capitais do mundo enrouparam as suas mulheres elegantes com as toilettes que Paris lhes exporta. E são apenas uns quarenta — se tantos — os grandes, os célebres, os famosos modistos que monopolizam êsse negocio.

Arqui-milionários, dandys, gentlemen que trajam, vivem e gastam como lords — e alguns são príncipes, como Yossouppoff, assassino de Raspoutine e hoje proprietário de Chez Vendôme —, desfilam aos seus olhos as mais belas, as mais nobres, as mais cubiçadas mulheres da Terra. Alguns enjôam-se, como confeiteiros. Exemplo: o discutido Paquin, amigo íntimo e protector do esquisito Mayol, que lhe custou alguns milhares de francos. O próprio Teatro Mayol foi um presente que Paquin ofereceu àquelle cançonetista. Outros, como Lubré, exploram um duplo negocio, oferecendo os seus gabinetes de prova para os fins mais canalhas — a trôco de... boas encomendas. Basta ler o *Marché d'Amour* — *Rue de la Paix* do romancista Victorien Saussay — livro que provocou grande alvoroço entre os modistos — para se fazer uma ideia dos escândalos habituais desse bairro que vive sob uma *douche* perpétua de ouro e que emprega perto de vinte mil pessoas e enriquece toda a industria do trajo em França...

Mas o escândalo Boni é de outro género. Os modistos de New York, Chicago, Boston, etc. amareleciam de inveja ao ver as suas melhores freguezas esgotarem os seus orçamentos em Paris. Por outro lado, o fisco americano, que conta com a importação dos artigos de luxo para obter uma grande receita, sente-se burlado sem poder defender-se, visto que as damas yankees, de combinação com os modistos parisienses, apresentavam nas alfândegas, juntamente com as toilettes recém-compradas, facturas evidentemente enganadoras, garantindo uma centésima parte do verdadeiro custo — mas contra as quais nada se podia fazer. Os modistos e as alfândegas americanas resolveram usar dum estratagem para triunfarem dos modistos franceses. Como? Aceitando os serviços secretos de Boni. Boni roubava-se a si próprio, vendendo, por altos preços, os seus modelos e enviando-os para New York meses antes de os apresentar em Paris; ao mesmo tempo, graças à cumplicidade de vários empregados, devassava a escripturação dos costureiros, informando o fisco sobre os verdadeiros preços das toilettes exportadas.

Boni, o espia, foi expulso da Rue de la Paix. Terrível humilhação — mas bastante suave, apesar de tudo, visto que Boni possui uma fortuna de milhares de francos.

X.

«Dossier» 234 A Z

(Continuação da pag. 11)

O sr. Martins Pereira, entre as suas criadas, teve um dia uma que lhe despertou os seus instintos de sultão, fazendo dela sua amante e... casando-a depois.

Continuaram, no entanto, mantendo as melhores relações. Um dia, a antiga amante do banqueiro, precisando de dinheiro, recorreu muito naturalmente ao seu antigo patrão, o qual, mediante um juro elevado, emprestou o dinheiro solicitado. E que pensam depois que succedeu? Como se descurdasse com o pagamento dos juros, um dia viu a casa invadida pelos officiaes de Justiça, que lhe pnhoraram os haveres.

O sr. Martins Pereira, conhededor da vida e dos negócios, conhece também e segue à risca aquele ditado que diz: *amigos, amigos, negócios à parte*. Mais casos para quê? E' assim, feita de sangue e lágrimas, a maior fortuna das Caldas da Rainha. E queria ser condecorado...

Além o leitor indiscreto um pouco do muito que queria saber a respeito do sr. Manuel António Martins Pereira, inscrito nos nossos arquivos sob a rubrica *banqueiro-agiota, dossier n.º 232 A Z*. E recomendamos-lhe que não nos faça muitas perguntas desta natureza, porque de toda a população portuguesa não viria talvez a salvar dois terços.

Andam dois terços a enganar um pobre terço, faminto e derrancado...

COSTA JÚNIOR

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Quantas caras tem o ilustre dr. Wang?

As gaffes com trocas de retratos, que, desde o *Times* até ao *Badalo* de Alcábaldeche, formam a mais pitoresca galeria anecdótica da imprensa mundial, só não são perdoadas por quem ignora o enorme esforço que representa a organização dum arquivo jornalístico. Referimo-nos não às ilustrações que os *reporters* fotográficos conquistam a golpes de audácia — mas sim às que avivam, gráficamente, qualquer artigo, reportagem ou telegrama, sem contacto possível com os *kodaks*. Exemplificando esse esforço com o próprio *Reporter X*, veremos uma brigada de pessoal exclusivamente dedicada a folhear revistas e jornais de todos os países e de todas as épocas, a seleccionar as «fotos» que nos enviam as agências e correspondentes, a recortar, a colecionar, a catalogar, a encher fichas, a arquivá-las... A esse pessoal exige-se uma respeitável cultura, conhecimento de línguas, uma atenção permanente para todos os acontecimentos, de forma a poder, sobre cada «boneco», visionar todas as hipóteses de utilização a fim de fazer tantas fichas quantos sejam os valores possíveis de cada gravura. A última hora comunicam-nos uma revolução em Guatemala, com o lin-

(Como se escreve a História...)

chamento do guerrilheiro Z e a destruição do Parlamento. Enquanto um redactor busca nos *dossiers* os antecedentes da revolta, os arquivistas são obrigados a apresentar-nos vários aspectos da capital de Guatemala, o retrato do



sr. Z e a «foto» do Parlamento destruído. A última gaffe deste género fez sensação. Há poucos dias telegrafaram de Pequim anunciando que o célebre político chinês dr. C. T. Wang, ex-ministro dos estrangeiros, abandonara a po-

lítica. O telegrama foi publicado, comentado e ilustrado nos principais diários da Europa mas só um, o «New York Herald», acertou com a verdadeira «foto» da pessoa evocada. Um publicou o retrato de Wang Tsing, famoso chefe bolchevista; outro o de Wang Ching, juiz que representa a China no Tribunal Internacional de Haya; outro ainda o de Kew-Wang, general sudista... A confusão é tanto mais explicável quanto é certo que existem perto de quatro milhões de homónimos do dr. C. T. Wang! O idioma chinês contém apenas cem apelidos; ora como a população da China é de 400 milhões de almas, calcule-se quantos Wangs podiam aparecer nos jornais em vez do verdadeiro... Praticam-se também muitas burlas conscientes, mas em menor número. Como exemplo citaremos certo jornal da província que apenas possuía duas gravuras: a de um sujeito barbado e a de outro sem barbas. Morria um soberano? Glorificava-se um escritor? Caía um ministro? O redactor apenas queria saber se o indivíduo focado era barbado ou pelado. Se fôsse o rei Fernando da Bulgária, saía «o das barbas»; se era o sr. Afonso Lopes Vieira, publicava-se o pelado! E lá se governavam assim, sem fotógrafo, sem gravador...

«SI NO ES VERO»...

O nosso aparelho receptor tem funcionado nestes últimos tempos com uma pressa febril. E — caso curioso — a maioria dos rádios recebidos, se não provém do Estoril, referem-se àquela praia da moda. A última comunicação, a mais recente, a mais fresca, não deixa de ter o seu pitoresco. Como sabemos que os leitores aguem pelos escandalozinhos da nossa famosa Costa do Sol, aqui lha vamos reproduzir tal qual a recebemos.

Um inglês — Mr. Smith, suponhamos — que costumava passar uma boa parte do ano em Nice foi um dia gratamente surpreendido por um anúncio espalhafatoso publicado em certa revista francesa. Em letras negras e gritantes, dizia-lhe o anúncio que o Estoril, ou melhor, a Costa do Sol, a dois passos de Lisboa, era, quer pelos seus atractivos naturais, quer pelas obras formidáveis realizadas pela mão do Homem, muito superior a qualquer aprazível estância da famosa Côte d'Azur. Depois enumeravam-se divertimentos, bem capazes de comover e decidir um inglês da gema: «golf», «tennis», corrida de cavalos, piscina, além de festas todos os dias. Para cúmulo, o clima era muito mais doce e meigo do que em Cannes ou na Riviera, visto que no verão a temperatura era mais baixa e no inverno mais alta do que em qualquer desses paradisíacos rincões do Mediterrâneo.

Homem decidido, o nosso inglês tomou o *Sud* e desembarcou uma tarde no Estoril. Efectivamente, o local era lindo e o clima admirável.

Instalou-se no hotel — e achou-o cómodo, embora reparasse que era muito pessoal para tão poucos hóspedes. No dia seguinte quis dar início ao programa dos divertimentos.

De manhã perguntou:

— Onde é o campo do «golf»?

— O campo do «golf»... — gaguejou o empregado, alfito com a pergunta. — Sim, o campo do «golf», é claro, fica a dois passos... Mas... (o tal mas da Costa do Sol) não há parceiros.

O hotel não tinha mais hóspedes... E o Estoril estava quase deserto de gente... de parceiros.

Impossibilitado de jogar o «golf», Mr. Smith resignou-se a pedir que o levassem ao campo de «tennis», pelo menos para o ver. Lá o levaram. E o homem verificou com espanto que no campo, aliás bem cuidado, reinava um silêncio sepulchral.

Mr. Smith começou a torcer o nariz. Mostrava-se visivelmente contrariado. Para gastar o tem-

T S F... X

po, que na famosa Costa do Sol lhe parecia infinito, assim, vazio de diversões que lhe eram caras e bem caras... perguntou quando haveria corridas de cavalos.

— Corridas de cavalos?... Corridas de cavalos?...

O empregado tornou a gaguejar, a tossir, a assoar-se. E, por fim, a custo, respondeu: — Corridas de cavalos... Agora não há... (Estávamos no começo do verão). Só lá para o Outono é que se realizam, às vezes, em Cascais... Mas (o tal mas da Costa do Sol) parece-me que este ano talvez não haja...

Afinal houve corridas, o inglês é que não quis esperar mais; fez as malas, apresentou um pedido de indemnização por ter sido ludibriado pelos anúncios e tomou o *Sud*. Deve estar em Nice, tentando esquecer o pesadelo da Costa do Sol.

Foi este o rádio mais curioso recebido nesta semana. *Si no es vero es ben trovato*.

Ah, se o sr. Fausto Figueiredo não acode àquela miséria...

COMÉDIA DE COMEDIANTES

SEMPRE que escutamos desabaços sobre a crise a um «homem de teatro» — actor, autor, empresário (respeitando aquelas excepções que formam a regra da boa educação... e do «saber viver»), entramos num nervosismo tal, uma tal ânsia de os desmascarar em público — que só o temor do espaço necessário para esse pim-pam-pum consegue conter-nos.

Mas — apre! E' demais! Abusam do silêncio, da generosidade de uns, do suborno de outros.

Crise! Puderá! Como não queriam eles a crise — se a provocam, se a edificam com o escrúpulo de quem constroi uma grande obra! E, já agora, vamos, aos poucos, radiografando as peças desse círculo vicioso e vergonhoso do teatro. Começamos por circunvagiar a vista pelos cartazes. Enfileiremos as peças que se representam... Qual o critério que presidiu à sua selecção? O da arte

pura — escolhendo o *melhor*, embora num disparte administrativo, ou seja sacrificando a receita e o público ao escrúpulo mental? O de indiferentismo ante as exigências literárias e artísticas, pelo objectivo, aliás legítimo — legítimo porque se trata de viver —, de atrair o público e de dilatar as receitas? Não! O de garantir a satisfação vaidosa dos adjectivos lisongeiros, das notícias pirotécnicas, assegurando a aliança de um jornalista influente em cada diário de boa tiragem, admitindo-lhe de olhos vendados a primeira fita teatral que êles... traduzam ou improvisem. Pior do que a imoralidade, do crime anti-teatral que cometem — está a estupididade deste critério. A chave-mestra do teatro é a do repertório. Um verdadeiro empresário não pode preocupar-se apenas em que a peça seja boa e que tenha agradado em Paris ou em Londres. Agora, mais do que nunca, que o público, hostilizado pelo próprio teatro, lhe voltou as costas, é indispensável que a obra não só retina todas as virtudes de interesse especial para o nosso público como também se saliente por um sentido máximo que atraia a atenção e desperte a curiosidade.

Os empresários de hoje ignoram esta técnica — a mais elementar de todos os empresários do mundo. As peças para êles valem ou não valem se foram traduzidas ou não pelo sr. Z do diário Y ou pelo sr. Y do diário Z. E estes, sem o menor escrúpulo, conscientes apenas da estupididade dos empresários, impingem-lhes as obras em troca de adjectivos. E o resultado não é só o teatro afundar-se cada vez mais, porque o público nem sequer olha para os cartazes, experimentado duramente pelas burlas em que tem caído: é que as mais nauseabundas porcarias teatrais são recebidas por uns críticos pirotécnicos que, mentindo, enganando o público — porque é êsse o preço —, desacreditam a crítica e, por contágio, infectam também o jornalismo.

E se até agora, pelo movimento desse círculo vicioso que abafa a única voz que podia combatê-lo — a imprensa —, estes cavalheiros têm gozado de uma fôfa impunidade de silêncio — o «Reporter X», que esteve, está e estará sempre livre de convenções, vai falar...

O «Reporter X» vende-se em todas as tabacarias

Novela n.º 33

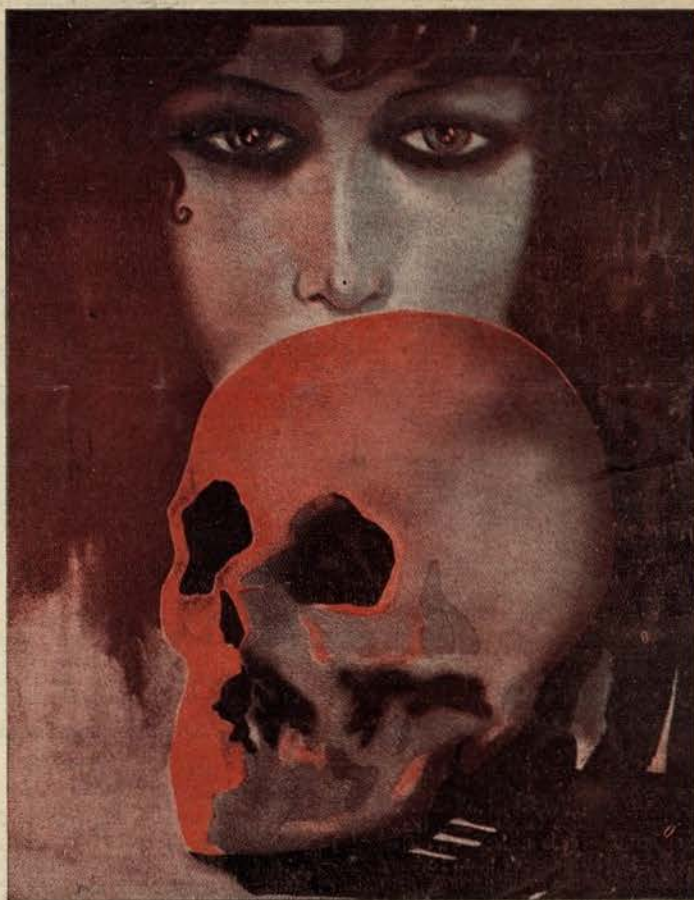
A Roda da Morte

Quinta-feira, 29 de Outubro de 1931

**Sensacionalíssimo
original inédito
de Pedro Mariel**

LEIAM

Devido a remodelações dos serviços gráficos do «Reporter X», a «Novela Policial», que não pôde publicar-se durante três semanas, volta agora a aparecer **IMPRETERIVELMENTE A'S QUINTAS-FEIRAS**, sensacional como sempre.



Breviário de Beleza Livro de MADAME DENTELLE para as mulheres portuguesas

Repositório de muitas coisas que a mulher de todas as idades deve saber, para o seu bem-estar, para ser feliz e dar alegria e felicidade às pessoas com quem convive

LIVRO QUE ENSINA A ARTE DE SER BELA

Saber conservar a mocidade — Evitar os traços implacáveis do tempo — Aprender atitudes e boas maneiras — Indicações sobre preceitos do convívio na sociedade — Como se conquistam simpatias — O culto da beleza do corpo, pela ginástica de movimentos simples e fáceis. Este livro é ilustrado com muitas gravuras que explicam como e quando se deve fazer a ginástica indispensável a todas as senhoras — A higiene física para manter a agilidade, poderoso factor na estética feminina — Como se conserva a juventude, na expressão fisionómica, nas atitudes e nos movimentos

BREVIAIRIO DE BELEZA

É um livro precioso de leitura amena, cheia de ensinamentos úteis, impresso em magnífico papel e profusamente ilustrado

Escudos 2 (PELO CORREIO MAIS 50 CENTAVOS)

PEDIDOS A **MADAME DENTELLE**

Secção Feminina da revista «A B C»

RUA DO ALECRIM, 69, r/c.

As remessas podem ser feitas em estampilhas, notas do Banco ou vales do correio